

Stadium

N.º 392 * 7 - JUNHO - 1950 * 2\$50

PORTUGAL CONQUISTOU EM MILÃO COM INEXCEDIVEL BRILHO, MAIS UMA VEZ, O TITULO DE CAMPEÃO DO MUNDO

— Da esquerda para a direita: Figueiredo, Cipriano dos Santos, Jesus Correia, Edgar Soares, Sidónio Serpa (capitão), Emídio Pinto, Correia dos Santos e António Raio



GRUPO NACIONAL DE HÓQUEI EM PATINS Campeão do Mundo desde 1947

PORTUGAL-ESPANHA — Emídio, o melhor guardaredes do Mundo, intervem com êxito, tendo a seu lado, Raio e Sidónio, numa jogada de ataque do adversário. A Espanha sofreu neste encontro seis pontos, não conseguindo furar as balizas portuguesas



QUARTO TRIUNFO CONSECUTIVO

da equipa nacional de hóquei em patins no **Campeonato do Mundo**

De Lisboa a Milão, com passagem por Montreux, a vitória tem sido sempre nossa

por JORGE MONTEIRO

RAZÃO tínhamos ao escrever... Mas não vale a pena recordar factos passados. O que importa, unicamente, é o registo do acontecimento. Afirmou-se a maior confiança na equipa nacional de hóquei em patins. E, a caminho de Milão, quando o IV campeonato do Mundo não começara ainda, proclamámos bem alto a nossa fé no triunfo. Que afinal tínhamos razão — está provado; mas nem sequer por um momento seria lícito duvidar da enorme «força de vontade» daquele bravo núcleo de rapazes do hóquei — que ganham quando é preciso...

O desporto português está de parabéns. E o País — de norte a sul, no continente, nas ilhas e colónias — «vivem» com o fêto! Vibrou-se de entusiasmos e de contentamento, entre todos os sectores, fosse onde fosse que chegassem os ecos da luta encarniçada por mais uma vitória. Até, enfim, atingir as raias da loucura perante a alegria geral — mas «loucura lúcida», amplamente justificada pela dificuldade que a prova teve, mórmente nos momentos decisivos. Ao fim e ao cabo, porém, Portugal ganhou — e o «resto» ficará para sábado, às 17 horas, no aeroporto da Portela. Não se faça uma simples idêta do que irá ser a apoteose — justíssima e absolutamente necessária — à chegada da equipa a Lisboa!

Desportivamente, a vitória, quarta consecutiva, é bonita, mesmo muito linda. E tem um sabor tão especial... Uma valia, acentue-se, incalculável — que para sempre há de perdurar na brilhante história do hóquei luso; e até no campo internacional. Mas encare-se nesse aspecto. Nada de deslamburamentos! Portugal é

campeão do Mundo de hóquei em patins desde 1947. Desportivamente, repetimos, o triunfo é muito bonito. E bem merecem aqueles que por ele tanto fizeram. Obrigado, pois, mil vezes «agradecido lhes ficam os desportistas portugueses — irmãos lúdimos de uma raça forte. Bem haja essa falange de aguerridos quão heróicos «rapazes do stick» — campeões de campeões.

E agora — até Barcelona... Antes, porém, corações ao alto e alma ardente de fé, confiantes como sempre, impondo de justo orgulho, os hóqueistas de Portugal não-de-prosseguir no seu caminho, «em casa», pensando que a quinta vitória lhes está ao alcance — apesar de tudo! Nem ambientes hostis, más-querenças, arrelhas, aborrecimentos e contrariedades, mesmo que seja preciso derrubar montanhas, são o suficiente para criar uma pontinha sequer de desanimo. Fé. Confiança. Vontade. E saber também — acima de tudo o mais. Porque, não resta dúvida, o hóquei em patins «português» é o melhor do mundo! Isto ficou provado, desde Lisboa, em 1947, até Milão com passagem por Montreux.

A marcha do torneio — jornada a jornada

O campeonato foi o mais «comprido» de todos quantos se disputaram — quer dizer: aquele que reuniu maior número de concorrentes. Dez países (os que oficialmente praticam a modalidade em competição) estiveram presentes com as suas turmas representativas na Itália. E o regresso da Alemanha — que desde 1939 andava ausente, só tendo voltado ao hóquei em patins (quase na situação de estreado...) no último torneio de Montreux, para a Taça da Europa — fez engrossar as fileiras dos praticantes. O Egipto, que se estreara há dois anos e não se apresentou, em 1949, em Lisboa, também compareceu agora. Mas o «fastidioso» prejudicou-o, porquanto, nesta prova, a sua acção foi precária.

Através das nove «ondas» do torneio — com 45 desafios realizados — registamos, para apontamento, os factos principais que a seguir se relatam sucintamente. E que foram:

1.º Dia (28 de Maio)

Resultados:	
Alemanha-Holanda	7-2 (2-0)
Egipto-França	2-2 (0-1)
Espanha-Inglaterra	2-1 (1-0)
PORTUGAL-Bélgica	2-1 (0-1)
Itália-Suíça	6-1 (4-0)

Triunfos retumbantes de alemães e italianos e difíceis (por um golo apenas de margem) de espanhóis e portugueses — o dos últimos a causar «aborrecimentos» e até apreensões... A primeira surpresa ferreeceram-na os egípcios — que afinal passaram depois a coleccionar derrotas!

Naqueles desafios alinharam e marcaram: Alemanha — Meyer, Merzbacher (1), Scholtz (1), Teisen (2), Grob (2) e Pepperruck; Bélgica — De Winter,

Bogaerts, Cossner, Vervloedt (1), Dablin e Vos; Egipto — Gagour, Sawzi, Wasati (1), Assi, Lofti (1) e Aniseld; Espanha — Nadal, Felip, Serra, Más (1), Bassó e Trias (1); França — Miremont, Chiese, Marquis, Hoyez (1), Leporez e Barrère (1); Holanda — Van der Klugt, Roerade, Van Dinter (1), Blok (1), Wemmers e Parlius; Inglaterra — Payton, Mount, Walters, Mercer (1), Buckley e Goodall; Itália — Tamaro, Gallarini, Bertuzzi (1), Panagnini, Castoldi (3) e Torre (2); Portugal — Emídio, Raio, Sidónio, Jesus Correia (1), Correia dos Santos e Edgar (1); Suíça — Imhoff, Buffi, Millasson (1), Marcel Monney, Pierre Monney e Perraudin.

O árbitro luso Peyssonneau dirigiu o jogo entre helvéticos e transalpinos.

E, quanto à estreia dos campeões do Mundo, digna-se que foi realmente desoladora — para a categoria e necessitada da equipa; sofreu-se um golo antes do intervalo e só na segunda parte as coisas se recompostaram com certa jeito e felicidade. Dois golos foram o suficiente para... ganhar fôlego e encerrar o «resto» sem desânimos.

2.º Dia (29 de Maio)

Resultados:	
Bélgica-Egipto	7-0 (4-0)
Suíça-Alemanha	4-1 (3-0)
PORTUGAL-Espanha	6-0 (3-0)
Inglaterra-Holanda	6-1 (3-0)
Itália-França	3-2 (2-0)

Sobressal logo à primeira vista o belíssimo e rotundo e esclarecedor exibir dos portugueses — a apagar definitivamente (com um golo de juro) o desairoso 0-5 do Entrudo de 1948 em Madrid. Aquilo era uma coisa que contedia com os nervos! E Portugal, embora somasse já nessa altura seis vitórias (abstrahindo o zero-cinco) e 31-10, tendo até ganho por 10-1 em Montreux, no ano passado, ainda não lograra bater os espanhóis... sem golo de resposta. Mas, enfim, desta vez sempre calhou: devolveu-se-lhes a conta e ficou um tento mais de remissa! O «caminho» está, pois, aberto — e de que maneira...

Para esse encontro, memorável a todos os títulos, alinharam e marcaram: Emídio, Raio, Sidónio (1), Jesus Correia (2), Correia dos Santos (3) e Edgar. Como simples pormenor de curiosidade, que vem mesmo a propósito, recordem-se as «vitimas» de há dois anos, no Fronton: Cipriano, Raio, Sidónio, Olivério, Correia dos Santos e Velez. Três deles não jogaram agora — mas um, porque era o keeper suplente, assistiu da bancada; e não deve ter sido dos menos felizes ante a justificada alegria dos companheiros.

A Espanha apresentou agora: Nadal, Felip, Orpinelli, Más, Trias e Bassó. Nas partidas só entre estrangeiros (cuja equipas foram precisamente as mesmas da véspera) marcaram golos: Scholtz — pelos alemães; Vervloedt (4), Dablin (2) e Bogaerts — pelos belgas; Hoyez e Leporez — pelos gauleses; Wemmers — pelos holandeses; Mercer (2), Parthlow, Walters e Buckley — pelos britânicos; Castoldi, Bertuzzi, Panagnini — pelos italianos; Marcel Monney (3) e Buffi — pelos suíços.

3.º Dia (30 de Maio)

Resultados:	
Suíça-Egipto	11-0 (5-0)
Alemanha-Inglaterra	4-2 (2-1)
Bélgica-Espanha	4-3 (1-1)
Itália-Holanda	9-1 (4-1)
PORTUGAL-França	8-2 (5-0)
Espanha-Egipto	11-1 (6-1)
Bélgica-Holanda	3-2 (3-1)
Alemanha-França	3-3 (1-1)
PORTUGAL-Suíça	6-2 (4-0)
Itália-Inglaterra	5-1 (3-1)

Dois magníficas vitórias de Portugal de tarde contra os gauleses e a noite frente aos helvéticos mostraram

claramente a incontestada supremacia dos briosos campeões mundiais. E asseguraram um pouco os espiritos... Pelo menos daqueles «expressados em erer num abaixamento de forma que os 2-1 contra a Bélgica quase justificavam — se afinal não subdesperos de quanta vontade e brio desportivo os nossos jogadores não capacitassem.

Catorze jogos em duas partidas é bonito — e ainda mais quando apenas se consentem 2+2. Esclareça-se que os portugueses forjaram os seus triunfos na primeira parte (5+4) para poderem estar mais à vontade na seguinte. Ora isto é um processo como outro qualquer; mas dá-nos a certeza absoluta de que a equipa sabe o que faz e o que quer. E, claro, os adversários nem sequer tiveram tempo para ripostar. Como proeza digna de nota assinala-se que os primos Correias repartiram os 14 golos da jornada entre si: Correia dos Santos marcou maior número (4) e Jesus Correia os restantes. E como é natural ambos fizeram a cabeça doída nos defesas contrários... A equipa teve a mesma composição anterior — apenas com Edgar chamado mais vezes à liga, para dar folga a Sidónio, magoado num pé.

Alinharam e marcaram contra Portugal: Miremont, Chiese, Marquis, Gallon, Hoyez (1) e Barrère (1) — pela França; Imhoff, Grant, Buffi, Pierre Monney (2), Moret e Marcel Monney — pela Suíça.

Nas partidas entre estrangeiros salienta-se: os dois «conex» dos egípcios (só com resposta, magríssima, aliás, aos espanhóis); a excelente vitória dos alemães sobre os ingleses; a derrota da Espanha diante da Bélgica — que veio a influir na classificação e lhe fez perder o terceiro lugar; a «resistência heroica» da Holanda, contra os belgas, depois de terem sofrido 1-9 dos italianos; e, por fim, a nova derrota dos britânicos, desta feita perante a Itália, no desafio de encerramento da jornada. Marcaram golos: Grob (2), Bown (2), Teisen e Merzbacher — da Alemanha; Vervloedt (4), Vos, Cossner e Dablin da Bélgica; Assi — do Egipto; Bassó (5), Trias (5) e Más (4) — da Espanha; Barrère e Leporez — da França; Blok (2) e Van Dinter — da Holanda; Buckley (2) e Parthlow — da Inglaterra; Panagnini (4), Torre (4), Castoldi (2), Bertuzzi e Monferioti — da Itália; Pierre Monney (6), Marcel Monney (3) e Buffi (2) — da Suíça. Américo Rombert, árbitro português, dirigiu o encontro Espanha-Egipto.

4.º Dia (31 de Maio)

Resultados:	
Espanha-Alemanha	4-2 (1-0)
Suíça-França	4-3 (3-1)
Itália-Bélgica	7-1 (3-0)
Holanda-Egipto	6-1 (2-0)
PORTUGAL-Inglaterra	3-0 (2-0)

Em fase do comportamento dos belgas até então, dirise-nos que os italianos haviam de ter embaraços, ideia perfeitamente aceitável; mas afinal não sucedeu assim — e a estroada derrota da Bélgica, em especial pelo descalabro verificado na segunda parte deu que pensar...

A bola, porém, é redonda e tão pequenina, rolando até de tal modo veloz que quaisquer conjecturas, neste desporto, em matéria de prognóstico, são falíveis — mais, talvez, do que em nenhuma outra modalidade! O caso dos belgas chega para elucidar e comprovar a teoria simplista mas real e positiva. Se assim não fosse...

A jornada teve no Portugal-Inglaterra (para nós, é claro, mais do que para os próprios participantes na prova) o seu ponto culminante. E a equipa lusa logrou afirmar aquilo por que há muito tempo ambicionava: bater os britânicos «fora de casa!!!»! Porque a verdade é que os dois únicos triunfos alcançados (3-0, em 1947, e 5-1 no ano passado) tinham-no sido, ambos, em Lisboa. Mais uma azebra, por conseguinte, e de que tomo, a valorizar a

Série II — Ano VIII — N.º 302
Lisboa, 7 de Junho de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone, 31127 - LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA
Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

ação dos hiquistas portugueses. Claro que esta data (como a de dias antes por via dos 6-0 à Espanha) ficará de memória a quantos se interessam e pagaram por estas façanhas do hóquei em patina. Que sejam os verdadeiros, diga-se, aqui há meia-dúzia de anos, poucos eram os que se interessavam por isso...

O desafio aludido teve por comparsas: Emídio, Raio, Sidónio, Jesus Correia, Correia dos Santos e Edgar — da banda de Portugal (ou sejam os mesmos das quatro partidas anteriores); e Payton, Mount, Walters, Mercer, Parthlow e Buckley — do lado britânico. Os nossos não só derrotaram os adversários (talvez aliados de muitos anos) porque tiveram a seu desfavor o ambiente; o público de Milão queria a sua verdade, e Portugal — ou pelo menos uma escorregadela — mas não aconteceu tal coisa — e a retribuição foi simplesmente admirável. Dois golos sem resposta (Jesus Correia e Correia dos Santos, os eternos esdemança-prazeres, para darem o maior contentamento da... Franceza) ditaram o vencedor de maneira convincente.

Entre estrangeiros, avulta o primeiro triunfo obtido pela correcta equipa dos Países Baixos, o «grupo da simpatias», recordam-se? Os holandeses pagaram com moeda quase igual aos egípcios a derrota que lhes haviam infligido em 1948 (então: 0-5; agora, 5-1. Van Dinter (2), Blok, Wemmers e Parisus foram os autores dos tentos — e só Roerde e Van der Klugt não marcaram! Lofti fez o golo do Egipto. Nas outras partidas do dia obtiveram pontos: Merzbacher — pela Alemanha; Dubin — pela Bélgica; Más (3) e Barré — pela Espanha; Hoyez (2) e Barré — pela França; Castoldi (5) e Torre (2) — pela Itália; Marcel Monney (3) e Pierre Monney (2) — pela Suíça.

Frederico Peysoneau, árbitro português dirigiu o jogo entre alemães e espanhóis.

5.º dia (1 de Junho)

Resultados:

PORTUGAL-Holanda	2-0 (2-0)
Espanha-Suíça	1-1 (1-1)
Inglaterra-Egipto	10-1 (4-0)
Itália-Alemanha	3-0 (1-0)
França-Bélgica	2-1 (1-1)
PORTUGAL-Egipto	16-0 (7-0)
França-Holanda	4-2 (2-1)
Alemanha-Inglaterra	4-2 (2-1)
Itália-Espanha	4-0 (1-0)

A despeito dos dezanove golos sem resposta, marcados pelos campeões do Mundo aos egípcios — que constitui record da equipa nacional — esta foi a jornada de duas sessões (à tarde e à noite) de menor número de tentos: 50 no todo. A terceira (30) tinha sido a mais avultada. Mas isto explica-se pela simples circunstância de — aparte o Inglaterra-Egipto — em todos os desafios entre estrangeiros se terem marcado poucos golos. Houve até um empate e dois triunfos pela tangente. Como sensação realizadora, a mais notável, talvez, fica para a história o resultado volumoso de Portugal na partida da noite. Não se esperaria tanto... desde que, à tarde, se registou uma vitória fraquíssima (na qualidade de golos, claro, porque no resto esteve tudo certo) contra a Holanda. Mas isso mesmo deu a ideia de folga antecipada — com vista a «votos» mais largos...

Jesus Correia e Correia dos Santos voltaram a ser naturalíssimamente, os heróis da equipa portuguesa: aquele com os dois únicos tentos nos holandeses e cinco nos egípcios; este com seis golos aos africanos. Marcaram ainda: Sidónio (4) e Figueiredo (1) ao Egipto. A turma lusitana teve um novo reforço: — a entrada do avançado do Infante de Sagres, que, pela primeira vez, alinhou neste dia em partida de campeonato. E aqui está, por conseguinte, mais um campeão do Mundo — de facto, Contra Portugal — alinharam: Van der Klugt, Roerde, Van Dinter, Blok, Wemmers e Parisus, pelos Países Baixos; Gagnour, Fawzi, Wassel, Asil, Lofti e Aniseld, pelo Egipto.

Em partidas só de estrangeiros, saliente-se as duas derrotas da Bélgica, o empate dos suíços com espanhóis, que afinal decidiu do terceiro lugar, e, por último, talvez com mais evidência até, a oposição brilhante da Holanda, primeiro a Portugal e depois a França. Foram autores dos golos em que os nossos estiveram ausentes: Grob — da Alemanha; Cossair — da Bélgica; Wassel — do Egipto; Trias — da Espanha; Hoyez (2) e Barré — da França; Buckley (6), Mercer (3), Walters (2) e Goodall — da Inglaterra; Castoldi (3), Torre (2) e Panagini (2) — da Itália; Marcel Monney (2), Pierre Monney (2) e Moret — da Suíça.

Mais duas arbitragens de portugueses: Rombert (Bélgica-França) e Peysoneau (Inglaterra-Suíça).

6.º dia (2 de Junho)

Resultados:

Suíça-Holanda	3-1 (0-1)
Itália-Egipto	14-0 (6-0)
Inglaterra-Bélgica	3-1 (1-1)
Espanha-França	8-0 (6-0)
PORTUGAL-Alemanha	6-1 (3-0)
Espanha-Holanda	5-1 (3-1)
Suíça-Bélgica	2-1 (2-0)
PORTUGAL-Itália	4-1 (2-0)
Alemanha-Egipto	11-0 (4-0)
França-Inglaterra	5-3 (3-1)

...E chegou-se afinal, ao desfecho da competição — com a «jornada dos nervos». Portugal inteiro vibrou de ansiedade... enquanto os seus hiquistas, lá longe, em Milão, lutavam com fé e entusiasmo, num pequeno rectângulo que a todos nós parecia um Mundo! Derrotada mais uma nação (a Alemanha) ficava a Itália como obstáculo a transpor para o êxito ambicionado. Mas o escolho, afinal, não foi tão difícil — aparentemente... — como se julgava: os transalpinos crerem-se em seu céu — e o seu público também. A equipa de Portugal foi a mesma nos dois jogos — com Edgar a sexto. Jesus Correia (4 golos aos germânicos e um aos italianos); Correia dos Santos (dois tentos em cada partida) e Edgar um golo à Itália) — foram os marcadores. Alinharam e marcaram contra Portugal: Meyer, Merzbacher, Scholtz, Teisen (1), Grob e Peperuck — pelos alemães; Tamaro, Gallarini, Bertuzzi, Castoldi, Panagini e Torre (1) — pela Itália.

Os encontros entre estrangeiros avulta a excelente vitória dos italianos sobre os egípcios — que lhes garantiu logo a possibilidade de ganharem a prova com um empate no jogo culminante do campeonato; mas os portugueses, à cutrela, foram esmiñando a sua firmeza... Os lusos não esqueceram a sua piada! Também se de notar os 8-0 da Espanha à França e o triunfo gaulês sobre os ex-campeões — para fecho do torneio. Em suma: os britânicos acabaram o pior possível, deixando-se bater, por dois golos de diferença, por um adversário que de tarde em tarde consentiu oito tentos sem responder! Marcaram os golos nos encontros sem intervenção de lusitanos: pela Alemanha — Grob (4), Teisen (3), Scholtz (2), Merzbacher e Peperuck; pela Bélgica — Vervloet e Lost; pela Espanha — Más (6), Trias (4), Bassó (2) e Sarrá; pela França — Hoyez (2), Beaubegny Lepore e Barré; pela Holanda — Van Asperen e Wemmers; pela Inglaterra — Mercer (3), Buckley (2) e Goodall; pela Itália — Panagini (3), Bertuzzi (4) e Torre (2); e pela Suíça — Pierre Monney (2) e Marcel Monney (2).

Classificação final

J. V. E. D. Golos P.	
PORTUGAL	9 9 — 52-7 13
Itália	9 8 — 1 52-10 16
Suíça	9 6 1 2 33-21 13
Espanha	9 5 1 3 34-20 11
Alemanha	9 4 1 4 30-24 9
França	9 3 2 4 29-33 8
Inglaterra	9 3 — 6 27-24 6
Bélgica	9 3 — 6 19-23 6
Holanda	9 1 8 13-26 2
Egipto (*)	9 — 1 8 5-8 1

(*) — Não conta para o campeonato da Europa por ser país africano. A classificação naquele torneio é a seguinte: PORTUGAL, 16 pontos e 37-6; Itália, 14 p. 38-10; Suíça, 11 p. 22-21; Espanha, 9 p. 23-19; Alemanha, 7 p. 19-24; França, 7 p. 18-31; Inglaterra, 4 p. 12-23; Bélgica, 4 p. 12-23; Holanda, 0 p. 8-35. Marcaram-se 285 golos — assim divididos por jornada: 26 (1.º), 29 (2.º), 80 (3.º), 80 (4.º), 50 (5.º) e 70 (6.º). A terceira e quinta e as duas últimas comportaram sessões a dobrar: de tarde e à noite.

402 golos em 98 desafios, com 67 vitórias, 7 empates e 24 derrotas

Com este campeonato (o undécimo em que a equipa nacional toma parte) a acção dos portugueses, no campo internacional, cifra-se no quadro geral seguinte — em relação a cada um dos países que derrotou:

J. V. E. D. Golos	
Alemanha	9 6 — 3 27-19
Bélgica	9 6 1 4 27-21
Egipto	2 2 — 1 29-0
Espanha	8 7 — 1 37-15
França	15 11 1 3 73-31
Brança-B	1 1 — 11-1
Holanda	3 3 — 26-1
Inglaterra	13 3 — 10 18-37
Itália	14 8 2 (4) 48-32
Itália-B	1 1 — 1 2-3
Suíça	16 12 3 1 54-25
98 67 7 24 402-185	

Portugal está muito próximo do seu centésimo jogo. Faltam-lhe somente dois... Nos 98 encontros efectuados (70 para campeonato, 24 nos torneos da

OS DESAFIOS DE DOMINGO

o Clube Oriental de Lisboa NA PRIMEIRA DIVISÃO

O passado domingo foi fértil em desafios de futebol, apesar de ter havido só um encontro oficial, aquele que se disputou em Santarém para passagem de divisão. O assunto corria a cargo do Oriental, competindo no Elvas defender a sua posição. Devemos dizer que os adversários se nivelaram, cada um cumprindo o seu dever. Os libeetos, mais bafejados pela sorte, atingiram o alvo e entraram na Primeira Divisão, mas os elvenses não saíram, propriamente, diminuídos da luta.

Os rapazes do Oriental foram manifestamente superiores na fase de começo e no trecho do fim. O seu mérito está principalmente em terem lutado com fibra, ansia e energia. Quando o jogo parecia já indicar o Elvas como vencedor, os rapazes do Oriental tiveram forças para alterar o resultado e rapidamente colocaram-se em vencedores, deixando o Elvas sem tempo para a recuperação.

No resto da partida, isto é, exceptuando as duas fases que acenavam o Elvas conseguiu mostrar-se equipa mais ligada e consciente. A experiência dos seus componentes assim refere.

Os elvenses apresentaram uma formação estranha na 1.ª parte, com Quaresma centro-avancado e Patálio desviado para interior-quero. Consequência: Quaresma, que só se pode defender orientando a manobra, andou per-

dido no terreno, a protestar permanentemente as decisões do árbitro, e Patálio não aproveitou o seu poder inflitrante, vincando depois, no segundo tempo, fortemente a sua presença. Pelo seu lado, o Oriental também praticou grave erro, colocando na ponta-direita um jogador de invulgares qualidades (Almeida), mas diminuído fisicamente por lesão. Enfim, o Oriental entra por direito de conquista para a Primeira Divisão — eis um clube pujante de vida e com uma massa associativa que se entusiasma e sabe reagir — ao derrotar o Elvas por 4-3.

Disputaram-se também vários desafios amigáveis. A Associação Atlética Portuguesa de Santos venceu no novo Estádio de Braga, recentemente inaugurado, o Sporting local por 5-2.

A Portuguesa de Santos, longe do valor de um Vasco da Gama — mas o Vasco da Gama é único no Brasil! — deixou uma impressão agradável. É mais forte no ataque do que na defesa. Esta deixa-se infiltrar com relativa facilidade. No ataque, porém, há jogadores de mérito e que fazem jogadas graciosas. Está neste caso Barbozinhos, Peito e Zinho. Na segunda parte já com o problema resolvido, o grupo de Santos teve oportunidade de mostrar o seu conjunto.

(Continua na página 14)

Taça da Europa, em Montreux, e os quatro restantes de carácter particular (três dos quais em Lisboa) a equipa lusa averbou 67 triunfos e marcou 402 golos. Apenas perdeu 24 desafios e menos de 1/2 de empates. Nas finalizações de Portugal (guardadas, firmemente, por Adriano, depois por Cipriano e agora por Emídio) entraram «só» 105 tentos — média de menos de dois por cada partida... Isto, como se verifica, é excelente em todos os aspectos. E denota superioridade e alicerce, a partir de 1939, e, principalmente, de 1947 para cá.

Números e nomes dos 16 campeonatos

Desde 1926, ano em que primeiramente se efectuou uma competição oficial, com globos, até agora, em Milão, disputaram-se 16 campeonatos — apenas com a presença da Bélgica, França, Inglaterra e Suíça a todos eles. Portugal compareceu a 11 (e mesmo assim só tem à sua frente, no quadro geral de resultados, a Grã-Bretanha e a Itália) contando-se ainda: com 14 presenças — os transalpinos, com 13 — a Alemanha; com 4 — a Espanha; com 3 — a Holanda; e com 2 — o Egipto.

A tabela de resultados é a seguinte:

J. V. E. D. Golos P.	
Inglaterra	95 75 8 12 484-148 158
Itália	85 43 12 30 290-126 88
PORTUGAL	70 45 5 20 239-127 85
Suíça	93 33 17 45 251-302 83
França	80 35 12 48 283-311 82
Alemanha	74 28 10 36 207-225 64
Bélgica	95 24 6 65 175-346 54
Espanha	30 18 3 9 125-66 39
Egipto	17 1 1 15 12-143 3
Holanda	24 1 — 23 18-90 2

2.684

Resumindo: em 16 torneios disputaram-se 840 jogos (87 empatados) e marcaram-se 2.684 golos. A Inglaterra, mercê dos seus 12 anos seguidos de vitória, figura com maior número — em tudo! — mas Portugal encontra-se bem situado e não tardará a desbançar a Itália. Todos os outros países ficam àque.

E para fechar, anotem-se as classificações ano por ano — que são: I — 1926 (Herneby) — 1.º Inglaterra; 2.º França; 3.º Alemanha; 4.º Suíça; 5.º Bélgica; 6.º Itália. II — 1927 (Montreux) — 1.º Inglaterra; 2.º França; 3.º Suíça; 4.º Alemanha; 5.º Itália; 6.º Bélgica.

III — 1928 (Herneby) — 1.º Inglaterra; 2.º França; 3.º Alemanha; 4.º Suíça; 5.º Bélgica; 6.º Itália. IV — 1929 (Montreux) — 1.º Inglaterra; 2.º Itália; 3.º França; 4.º Alemanha; 5.º Suíça; 6.º Bélgica.

V — 1930 (Herneby) — 1.º Inglaterra; 2.º França; 3.º Alemanha; 4.º Suíça; 5.º PORTUGAL; 6.º Bélgica. VI — 1931 (Montreux) — 1.º Ingla-

terra; 2.º França; Suíça; 4.º Itália; 5.º Alemanha; 6.º PORTUGAL; 7.º Bélgica.

VII — 1932 (Herneby) — 1.º Inglaterra; 2.º Alemanha; 3.º França; 4.º PORTUGAL; 5.º Suíça; 6.º Bélgica.

VIII — 1934 (Herneby) — 1.º Inglaterra; 2.º Alemanha; 3.º Suíça; 4.º Itália; 5.º Bélgica; 6.º França.

IX — 1936 (Estugarda) — 1.º Inglaterra; 2.º Itália; 3.º PORTUGAL; 4.º Suíça; 5.º Alemanha; 6.º França; 7.º Bélgica (*).

X — 1937 (Herneby) — 1.º Inglaterra; 2.º Suíça; 3.º PORTUGAL; 4.º Itália; 5.º Bélgica; 6.º Alemanha; 7.º França.

XI — 1938 (Antúrpria) — 1.º Inglaterra; 2.º Itália; 3.º Bélgica; 4.º PORTUGAL; 5.º Alemanha; 6.º Suíça; 7.º França.

XII — 1939 (Montreux) — 1.º Inglaterra; 2.º Itália; 3.º PORTUGAL; 4.º Bélgica; 5.º França; 6.º Alemanha; 7.º Suíça (*).

XIII — 1940 (Lisboa) — 1.º PORTUGAL; 2.º Bélgica; 3.º Espanha; 4.º Itália; 5.º Inglaterra; 6.º França; 7.º Suíça (*).

XIV — 1948 (Montreux) — 1.º PORTUGAL; 2.º Inglaterra; 3.º Itália; 4.º Espanha; 5.º Bélgica; 6.º Suíça; 7.º França; 8.º Egipto; 9.º Holanda (*).

XV — 1949 (Lisboa) — 1.º PORTUGAL; 2.º Espanha; 3.º Itália; 4.º Bélgica; 5.º Inglaterra; 6.º Suíça; 7.º França; 8.º Holanda (*).

XVI — 1950 (Milão) — 1.º PORTUGAL; 2.º Itália; 3.º Suíça; 4.º Espanha; 5.º Alemanha; 6.º França; 7.º Inglaterra; 8.º Bélgica; 9.º Holanda; 10.º Egipto (*).

(*) — Simultaneamente campeonatos da Europa e do Mundo. Quanto aos resultados dos vencedores — para compararmos... — temos:

J. V. E. D. Golos	
1926 (*)	5 4 1 — 46-4
1927	5 5 — 34-7
1928	5 5 — 34-7
1929	5 4 1 — 26-5
1930	5 6 — 26-5
1931	6 6 — 40-3
1932	5 5 — 38-11
1934	5 5 — 27-8
1936	5 5 1 — 21-2
1937	6 6 — 36-9
1938	6 6 1 — 24-7
1939	6 6 — 27-8
1947 (*)	6 6 — 27-8
1948	8 7 — 1 56-8
1949	7 7 — 39-8
1950	9 9 — 52-7

(*) — Período de vitórias da Inglaterra: de 1926 até 1939.

(**) — Vitórias de Portugal nos últimos quatro anos.

Há que esperar, agora, até 1951 — em Barcelona — para se assistir (quem o duvida?) a novo triunfo português. Desde já fazemos votos por que tal seja... mais um facto.

LIPTISMO

Concurso Internacional de Lisboa



O engenheiro Castro Pereira, no «Hopefull Don», finalista na «Turf Clubes»



O cavalo espanhol «Frisar» classificado em 2.º lugar na «Omnium»



O capitão Correia Barrento, no «Raso», foi o vencedor da Taça «Turf Clubes», numa prova de eliminatórias que atingiu enorme brilhantismo



Os irmãos Ana e Henrique Mendia, os mais novos concorrentes do certame



O capitão Carvalhosa, na «Mondina», vencedor da Omnium

COMEÇOU o Concurso Hípico Internacional de Lisboa, o que equivale a dizer-se que a capital vai ter até domingo próximo, novo duelo entre cavaleiros portugueses e espanhóis, tanto do seu agrado.

A Sociedade Hípica Portuguesa organizou-o metodicamente, torçando o programa — de muito interesse — agradável e variado, fugindo assim ao título dos anteriores.

De manhã há provas nacionais, para cavalos sem «handicap», que abriram com uma magnífica vitória do alferes Mendonça Junior, no «Bervers», com uma vantagem de 4/5 de segundo sobre o capitão Levy Martins, no «Chibuto». O percurso não estava difícil, pelo que se registaram 16 provas sem falhas.

A tarde, teve lugar a «Omnium», e com ela a primeira competição internacional. O triunfo foi nosso, merecido de um percurso notável do capitão Carvalhosa, na «Mondina», que arrebatou a bandeira espanhola do mastro de honra, momentos antes lá colocada, graças a uma boa prova do comandante Nogueiras, no já nosso conhecido «Frisar».

O vencedor mereceu bem a taça oferecida pelo adido militar espanhol e confirmou a sua notável regularidade em Madrid.

No domingo houve três provas, cada uma de seu género mas todas disputadas com muito entusiasmo, principalmente a «Turf Club», que o público acompanhou com interesse e emoção.

É uma prova que valoriza os programas e que deve manter-se de futuro.

No «Ensin» triunfou o capitão do exército francês Saint-André, que há três anos está dirigindo a instrução no Depósito de Remonta.

O vencedor evidenciou as suas qualidades e o seu valor de verdadeiro mestre.

A prova de «caça», denominada «Capitão José Beltrão», deu o primeiro triunfo aos espanhóis com a vitória de «Vitamen» montado pelo cap. Dominguez Manjon, com 2/5 de segundo de vantagem sobre «Faneca», do tenente Cruz Azevedo — que de início se nos afigurou ser o triunfador da prova tão rápida e limpa fora o seu percurso.

Na «Turf Club» a luta foi travada em novos moldes, por eliminatória.

Nos quartos de final «Caramulo» (Henrique Calado) eliminou «Belver» (Barros e Cunha); «Raso» (Correia Barrento) bateu «Optus» (Helder Martins); «Fibus» (Rangel Almeida) — excluiu «Frisar» (Nogueiras) e «Hopefull Don» (Rodrigo de Castro Pereira) eliminou «Friso» (Dominguez Manjon).

Na meia final «Raso» e «Hopefull Don» eliminaram «Caramulo» e «Fibus» para se baterem, numa final cheia de entusiasmo e emocionantíssima.

O capitão Correia Barrento, no «Raso», inscreveu o seu nome na «Taça», batendo o seu compedidor numa luta que o público não esquecerá tão cedo.

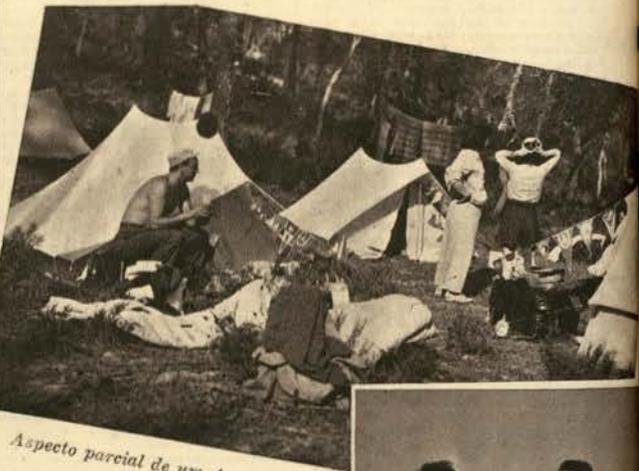
Está aqui uns breves apontamentos das duas primeiras jornadas do 39.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa, o certame que vai decorrer durante esta semana com muito interesse.

Antas Teixeira

O 2.º ACAMPAMENTO NACIONAL DE CAMPISMO



O campista é sempre um fervoroso admirador da Natureza



Aspecto parcial de um Acampamento

O movimento campista em Portugal terá no fim da semana o seu grande acontecimento — o II Acampamento Nacional que confirmará o grau de interesse e desenvolvimento que a útil e benéfica modalidade já atingiu no nosso país, com praticantes provenientes de todas as classes sociais e de ambos os sexos.

No primeiro acampamento, nos dias 9, 10 e 11, na Quinta dos Anjos, em Santarém, estarão juntos mais de mil campistas — rapazes e raparigas, novos... e não-novos, cheios de alegria e de entusiasmo, para confraternizarem com os seus camaradas de outras regiões e com os estrangeiros que nos visitam.

— O campismo faz nascer e desenvolver as melhores qualidades do homem. É sem dúvida uma escola de camaradagem, e um acampamento nacional dá expressão natural a esses sentimentos. Daí o empenho que pomos na realização deste empreendimento, que esperamos seja um êxito — declaram-nos os organizadores desta iniciativa.



Alegres e contentes — a caminho do Paraíso!

HÓQUEI em PATINS PORTUGAL triunfou em MILÃO



De avião, os campeões do Mundo de hoquei em patins chegam a Itália. O título, mais uma vez ficará em seu poder, após um campeonato brilhantíssimo



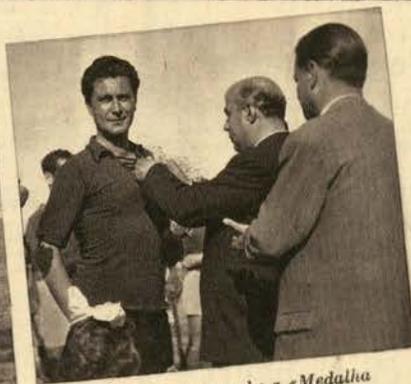
A equipa da Itália classificada em 2.º lugar; guarda-redes suplente; Torre, Gallerini, Bertuzzi, Panagini, Castoldi e Tamaro



Correia dos Santos, por entre um aglomerado de adversários, bate Nadal e marca o 4.º tento de Portugal contra a Espanha



A equipa do Clube de Futebol Benfica onde Rodolfo Serpa alinhou pela última vez no passado domingo



Rodolfo Serpa recebe a «Medalha de Mérito Desportivo»



Veteranos do Benfica que participaram



Rodolfo Serpa

RODOLFO SERPA

TEVE A SUA CONSAGRAÇÃO

O mais velho (Velho!! Não! Mas o «mais antigo» — em tempo de actividade) dos Irmãos Serpas — e quem os não conhece? — chama-se, simplesmente, para os mais desportivos Rodolfo.

Pois este «rapaz» (de trinta e poucos anos...) teve agora — só agora! — a sua festa de homenagem. Consagração, aliás, merecidíssima, pelo muito que contribuiu para a propagação do

hóquei em campo, como praticante devotado que foi e crítico especializado e abalizado que há-de continuar a ser.

Mas, afinal, quem é Rodolfo Serpa? A simples condição de ser irmão de Olivério e de Sidónio — dois campeões do Mundo de hóquei em patins — parece dizer pouco... Todavia, Rodolfo, o mais idoso da famosa «trindade», também é um desportista e um

(Continua na página 14)

ATLETISMO

O SPORTING

venceu o TORNEIO TRIANGULAR com a U. A. TARBAISE e o BENFICA

É instimável que o público não tenha correspondido como era de esperar à iniciativa do Sporting, trazendo a Lisboa logo no início da temporada uma equipa francesa, sem grandes valores, mas de capacidade aproximada à dos nossos clubes, que era o que mais podia interessar nesta altura da época.

A pontuação final (Sporting 126 p.; Tarbes 104 p. e Benfica 100 p.) e o número de provas que cada equipa ganhou (Sporting 7, Tarbes 6 e Benfica 3) atestam expressivamente a equivalência de valores, acrescentando a fadiga que os nossos simpáticos visitantes podem alegar, após uma viagem de três dias em autocarro e chegada na véspera das provas.

Os elementos mais em destaque no conjunto tarbês foram o corredor Valmy, excelente nos 100 m. — o seu percurso final na estafeta, recuperando cinco metros no representante do Benfica, empolgou o público —; o saltador à vara Saint-Jour e o saltador em altura Lacaze. As restantes primeiras figuras eram da classe dos nossos e a maioria dos segundos planos inexistentes.

Classificando pela pontuação final, os resultados dos diversos vencedores, escalonam-se pela seguinte ordem: 100 m., Valmy, 10,8 s. — 902 p. Triplo-salto — Alcide, 14,964 — 876 p. Comprimento — Alvaro Dias, 7m,19 — 855 p.

4 x 100 m. — Tarbes, 44,1 s., média 11,02 s. — 837 p.

200 m. — Valmy, 22,6 s. — 805 p.

Barreiras, 110 m. — Bonnet, 15,9 s. — 790 p.

Disco — M. da Silva, 41m,93 — 769 p.

5000 m. — Filipe Luis, 16 m. 0,2 s. — 768 p.

800 m. — Alves da Silva, 2 m. 1,4 s. — 767 p.

4 x 400 m. — Benfica, 3 m. 28,8 s., média 52,2 s. e 400 m., A. Dias, 52,2 s. — 755 p.

Peso — M. da Silva, 13m,37 — 752 p.

Barreiras, 400 m. — Natalo Santos, 59,1 s. — 737 p.

1500 m. — Tubiães, 4m. 22,2 s. — 688 p.

Vara — Saint-Jour, 3m,40 — 652 p.

Dardo — Muralha, 47m — 533 p.

Os portugueses mais em realce foram os saltadores: Alcide no triplo, a seis centímetros do recorde, que consideramos ao seu alcance; Alvaro Dias, com 7m,19 e 7m,15 nos dois únicos saltos validados (corrida mal medida) e o jovem Ponce com excelentes 7m,01; o lançador Manuel da Silva projectando o disco a 41,93, apesar de continuar com uma volta em perfeito desequilíbrio; o pequeno Alves da Silva, ainda em forma deficiente, mas formidável lutador e energético finalista; Paquete, nos 100 m. mas faltando-lhe ainda poder para acabar e Artur Dias, pelo seu energético percurso final da estafeta de 400 metros. Não esquecermos também Rui Maia, pela segunda vez creditado em 10,9 s. ao contrário de Paquete, que começa melhor do que acaba. Maia acaba muito melhor do que começa.

Este torneio teve mais uma vantagem: de nos mostrar quais os grandes pontos fracos do nosso atletismo, vara, dardo, 1500 m., especialidades em que é preciso um esforço de recuperação pois em qualquer encontro internacional constituem pesado handicap para a nossa equipa.

SALAZAR CARREIRA

NATAÇÃO

FERNANDO ESTEVES MADEIRA venceu a meia-milha da A. N. L.

MARCADA primitivamente para 21 do mês passado, mas adinda de devido ao mau tempo, disputou-se no último domingo, ao longo da nova muralha do Pogo do Bispo, organizada pela Associação de Natação de Lisboa, a prova da meia-milha que teve, também, a colaboração dedicada do Clube Oriental de Lisboa.

Disputada em excelentes condições de rio e de temperatura, a meia-milha constituiu bom espectáculo e deve, certamente ter servido bem a propagação na zona oriental da cidade, zona onde há, na realidade, excelente matéria prima a entusiasmar e a cultivar.

Com três colectividades apenas — Al-gés, Adicense e Belenenses — não houve luta dubista, dada a esmagadora superioridade do S. A. D. que classificou os oito primeiros.

As magníficas faculdades de nadador de meio-fundo de Fernando Madeira estiveram de novo, tal como no domingo anterior, em plano de relevo. E a vitória desenhou-se, naturalmente dando a sensação agradável de facilidade, creditando-se de 9 m. 07 s.

Borja (9 m. 08 s.), Perdigão (9m. 15 s.), Leonel Sousa Gomes (9 m. 17 s.), nos primeiros postos, deram certa animação à prova.

Ainda que especialista de «bruços», Arnaldo Santiago, o valoroso representante do Adicense, também esteve presente e a sua participação é, de facto, para assinalar.

Como igualmente é de assinalar a presença dos nadadores belenenses, a demonstrar que a colectividade da Cruz de Cristo continua, perseverantemente, a dedicar-se à modalidade.

Duas senhoras apenas — Lucélia da Silva Ançã e Regina Denis Mendes — estiveram presentes. E correram com o seu entusiasmo habitual, creditando-se de «tempo» interessantes: 11 m. 10 s. e 11 m. 55 s.

Passada a fase inicial da temporada, a natação vai entrar num período de franca e intensa actividade. Entre as

próximas organizações, avulta pela sua importância e significado, a visita da equipa alemã do «Schwimm Verein Poseidon Hamburg» que a convite do Sport Algés e Dafundo, se celebrará entre nós nos dias 23 e 24 de corrente.

O FESTIVAL DO ESTORIL PRAIA

O Grupo Desportivo Estoril-Praia que está presentemente comemorando com assinalado brilho a passagem do seu 11.º aniversário, organizou na sua acolhedora piscina um interessante festival inter-sócios que, acima de tudo, atestou claramente o vivo interesse que na simpática agremiação da Costa do Sol se continua a dedicar à natação.

Nas provas reservadas a crianças, estiveram em evidência João Rodas — vencedor dos 35 metros-livres, em 27 s. — e Joaquim Ferraz — também vencedor de outra série dos 35 metros-livres, com a marca apreciável de 25,5 s.

Entre os «principiantes», citaremos os nomes de Marco Carbone — que triunfou nos 74 metros-bruços, com 1m. 07,8 s. — e de Manuel Figueiredo que, nos 74 metros-livres, saiu vencedor com o tempo de 52 s.

Disputaram-se três provas de inscrição livre. Nos 74 metros-costas, José Rosado venceu com nitidez, em 56 s.

Nos 216 metros-bruços, há a destacar a prometedora marca do seu vencedor, Vasco da Silva Ribeiro: 3 m. 27 s. e nos 108 metros-livres, triunfou Luis do Carmo, com 1 m. 17,8 s.

As gentis nadadoras Odete Maria Nogueira, Maria da Conceição Horta e Maria Glória Alves, realizaram uma demonstração de 74 metros-livres.

Encerrou o festival uma «meia-hora» americana, por equipas mistas, tendo triunfado o elenco capitaneado por Belmiro Santos, com 2,518 metros.

ABREU TORRES

ARTUR GOMES, DO BENFICA E ALVES BARBOSA, DO SANGALHOS

ganharam os campeonatos nacionais de amadores

Outras provas — e outros resultados —

O domingo passado foi já um dia de movimentação do ciclismo em todo o país — do norte a sul. Ao Porto coube na distribuição dos campeonatos nacionais de entrada, a prova de juniores, a qual teve inscrição mais numerosa, cerca de quarenta corredores. Em Torres Vedras, disputou-se, pela sexta vez, o Circuito local, em sessenta voltas a um itinerário traçado na referida vila. Lisboa teve o campeonato nacional de seniores, que não fugiu à regra do número reduzido de concorrentes — apenas cinco, dos seis inscritos. E até no Algarve se realizou um festival de pista.

De um modo geral, a tendência foi para o êxito dos corredores da região: Artur Gomes, do Benfica, triunfou em Lisboa, com uma prova esplêndida de vivacidade, a confirmar as suas qualidades de ciclista que se dá à luta com prazer. No campeonato de juniores, venceu um rapaz do norte: Alves Barbosa, que parece disposto a manter a tradição do antigo corredor Alves Barbosa, da Figueira da Foz. E Joaquim Apolo ganhou de novo, na pista do seu clube, não obstante defrontar uma equipa do Futebol Clube do Porto. Sómente a prova de Torres Vedras fugiu à tendência posta em realce. O primeiro prémio conquistou-o Manoel Rodrigues, um dos espanhóis do Sangalhos, com uma «fuga» que constituiu a nota mais emotiva da corrida. A vitória por equipas coube, entretanto, ao

Sporting, com João Lourenço e Maximiliano Rola.

O saldo de domingo correu de boa feição para o Sangalhos — um título de campeão nacional no Porto (Alves Barbosa), e vitória individual no Circuito de Torres, com valorização da prova na parte final. Benfica e Louletano tiveram o seu triunfo, cada um. Mas o clube lisboense viu perdidas as suas esperanças noutro campeonato com a queda de Eduardo Nicolau, perto do Estádio do Lima, já sem possibilidades de recuperação. Não passou por isso de novo, Joaquim Apolo continua em excelente forma — vitória com uma «volta» de avanço. O Sporting conseguiu ganhar por equipas no Circuito de Torres. Para que o dia não lhe corresse muito mal, teve, porém, a compensação de saber que Mário Faria, seu corredor, ganhou a respectiva etapa, na Volta a Itália.

No campeonato de seniores, disputado no Circuito da Ericeira, com partida do Estádio e chegada ao Campo Grande, a classificação ficou conforme segue:

1.º Artur Gomes, Benfica, 3 h. 05 m. 36 s., à média horária de 33,774; 2.º Joaquim Aniceto, F. C. do Porto, 3 h. 13 m. 21 s.; 3.º Américo Antunes de Almeida, Benfica, 3 h. 13 m. 31 s.; 4.º Manuel Lopes de Sousa, Salvaterra, mesmo tempo; 5.º Joaquim Fontes, Salvaterra.

MÁRIO DE OLIVEIRA

ARCADIA DANCING DE LUXO

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

EXITO ESTRONDOSO DO BALLET MONTENEGRO

Exitos clamorosos de

Consuelo Diaz-Pepe Montes

Adoracion Reys — Mary Mely — Herm. Goyescas — Olga Mendoza — Zoraida — Herm. Avila — Luisa Royo — Perla de Levante — Hermanas Baron — Mary Arilla

DUAS ORQUESTRAS

Nocturnos e Arcádia

CAPAS PARA ESTOFOS DE AUTOMÓVEIS

Em fibra lacada americana de 1.ª qualidade — Em stock para Chevrolet, Plymouth, De Soto, Vauxhall, Citroen e para outras marcas por medida feitas em 8 horas, Tecidos de seda exclusivos

CASA VÍTOR SILVA

Rua Andrade Corvo, 15 — Telefone 41391 — LISBOA

A MELHOR GARAGE NO CORAÇÃO DE LISBOA

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

AUTO SANTA MARTA LIMITADA

R. Alexandre Herculano tornejando R. Santa Marta

OS DEUSES NO OLIMPO

A reunião do congresso olímpico em Copenhague, que fora anunciada como de grande importância pela qualidade dos problemas a resolver, parece haver acabado, o que aliás é de costume, em nada.

As questões fundamentais apresentadas ficaram, afinal, tais como dantes ou foram solucionadas pelo mais fácil e fugindo a compromissos. A admissão da Alemanha nos jogos de Helsinquia, por exemplo, ficou mais ou menos decidida favoravelmente naqueles desportos em que esse país estiver em situação regularizada com a respectiva federação internacional; forma solucio-natória, lógica e acertada, mas que se assemelha à lavagem de mãos de Poncio Pilatos.

Na ordem dos trabalhos figurava também a reforma do estatuto do amador, cavalo de batalha dos olímpicos, que teimam em esquecer a evolução do Mundo, a necessidade de encontrar uma definição de amadorismo que concilie a necessidade de conservar ao desporto a sua de-

sinteressada sinceridade e aquela, tanto ou mais importante de permitir a alta competição a quantos demonstrarem classe, sem distinção de nível social ou meios de fortuna.

O Comité Olímpico, depois de alguns almoços e banquetes, resolveu que tudo ficasse na mesma. A reforma ficou para depois dos jogos.

Eliminou do programa o hoquet sobre gelo e a esse respeito escreveu com delicioso bom humor o francês Gaston Meyer: «Por questões de falso amadorismo? Nem isso. Porque o sr. Kraatz, presidente da federação europeia deste jogo desportivo tratou os membros do C. I. O. de velhos fóssets, o que é um pleonasma... O erro do sr. Kraatz foi ter dito em voz alta o que toda a gente pensa no seu fóro íntimo.»

O olimpismo, apesar de tudo, continua a palear muito alto; tão alto, tão alto, que nós, os pobres mortais amarrados à terra não conseguimos perceber nada do seu enorme trabalho construtivo.

Cântinho do leitor

“A PORTUGUESA” ESTEVE EM CAMPO

Tiveram razão, boa visão psicológica, os chefes guerreiros que iniciaram a norma de conduzir os seus soldados para os campos de batalha ao som de hinos e marchas marciais. É evidente a influência da música na predisposição dos combatentes. É tanto mais animosa quanto melhor o seu ritmo e a estridência da suavidade dos seus acordes se combina com o temperamento rítmico da mente populacional que se destina a animar.

Em desporto, mórmente no desporto de competição e de conjunto, este factor tem de ser encarado como factor de influência positiva na sensibilidade dos latinos, de fáceis reacções temperamentais.

É assunto estudado por vários cientistas — a acção da música sobre o sistema nervoso das várias espécies animais — nomeadamente por neuro-psiquiatras que têm aplicado o sistema como adjuvante, por vezes precioso, de tratamento de certas neuropatias. Esta referência apenas como ilustração das nossas notas.

Se atentarmos, sob este ponto de vista, no que se passou nos últimos três jogos disputados sob a imponente e magestade do nosso estádio, concluímos que o ritmo e a forma de execução dos vários hinos nacionais que, mais por praxe do que como factores influentes, foram executados antes dos prólios, deve ter influído no comportamento dos nossos representantes.

Assim, em 9 de Abril, após os acordos, de ritmo compassado, certo, seguro, brilhante, do hino espanhol, todos nós sentimos que os adversários apoiados pela lembrança da robusta vitória coseguida anteriormente no seu ambiente, se empertigavam confiados em novo sucesso. Contrariamente devem ter pensado os nossos, pelas mesmas razões. Havia que animá-los, que dar-

-lhes confiança. E nada melhor que o ritmo marcial e vivo de «A Portuguesa» para lhes lembrar o dever para com as suas armas da equipa, aumentado, engrandecido pelo coro magestoso, avassalante, de 60.000 almas portuguesas, vibrando ansiosamente pelo resgate, e que souberam gritar-lhes sin-cronicamente «... às armas!...»

Estava dado, em nova versão, o grite de: — São Jorge é Avante!...

E o nosso pequeno exército... de onze futeboleiros, portou-se com tal brío, tal denodo, tal combatividade que, como em tantas vezes na história ibérica, mais uma vez não saiu diminuído no confronto com os castelhanos, qual nova «Ala dos Namorados».

Vêm depois as pugnas com os britânicos. O seu hino, lento e imperioso como embate das ondas nas costas rochosas das suas ilhas, impunha magestade e segurança. Respondeu-lhes, mais uma vez, «A Portuguesa», com o seu ritmo vivo, alegre, batalhador e audaz, como indicativo da diferença temperamental dos contendores.

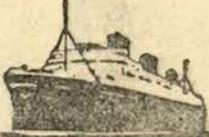
E os jogos tiveram o cariz expresso simbolicamente pelo ritmo e o significado dos hinos dos povos em presença.

Os portugueses souberam ser dignos dos adversários britânicos, muito justamente galardoados por seus méritos no mais elevado plano do futebol mundial. Ficaram, uns e outros, com a certeza de que muito há a esperar de competições futuras. Ficamos, uns e outros, com a certeza de termos conquistado mais um amigo-adversário — da maior categoria — na Escócia.

Ainda bem. Bem hajam.

Honra nos nossos desportistas que tão bem souberam honrar as quasas portuguesas e que, como a letra marcial do nosso hino, não temeram os «carniceiros» britânicos, contra os quais souberam emarçhar, tal como os nossos «craques» avança...

Que, no futuro, os acordos e os versos do hino nacional, tenham eco no peito dos portugueses, ao ritmo do pulsar dos seus corações generosos. — M. L.



Agência Internacional de Viagens
de
Mário Antunes de Carvalho
Agente de Viagens

Passagens e Passaportes

Esta casa devidamente habilitada trata da obtenção rápida de todos os documentos para Viajantes e Turistas e vende passagens aéreas, marítimas e terrestres para todos os portos da Europa, Áfricas, Américas do Norte, Sul e Central

Informações gratuitas tanto pelo correio como pessoalmente

Rua da Madalena, 152, 2.º - Esq.

LISBOA Telefone 2 1455



NOVO

OS ALFAIATES NO CAPEONATO NO MUNDO

A Federação Italiana estuda neste momento a maneira como vai vestir os jogadores que vão ao Brasil disputar o Campeonato do Mundo. Os federativos querem que todos os representantes transalpinos se apresentem no Rio vestidos uniformemente e com elegância apurada, digna do bom gosto latino. Por isso determinaram que um dos melhores alfaiates de Roma vista os seus representantes. Esta decisão só vem abonar a forma distinta como o seleccionador Novo se apresenta, visto que ele é considerado na Itália como o homem mais distinto e que melhor se veste entre todos aqueles que andam nestas coisas da bola...



DEMASIADO GORDO PARA IR AO BRASIL...

O organismo dirigente dos árbitros italianos ditou numerosas medidas, algumas delas de carácter um pouco cómico, mas que têm de ser acatadas por todos os colegiados para poderem exercer a sua função de juizes de campo.

O famoso árbitro internacional Dattilo, designado para o fase final do Campeonato do Mundo, foi denunciado pela Associação Italiana por não reunir as condições teóricas que o Colégio determinou. Segundo o referido Colégio, está demasiado gordo para poder cumprir a sua missão...

Como se vê, na Itália, os homens de apito que pesem mais de 75 quilos não podem ser árbitros...

AUTO RÁDIOS

MOTOROLA-1950 Mod. 400 - Universal
Mod. 600 - Chevrolet 1948 - 42

RÁDIO CONTRÔLE

LABORATÓRIOS DE RADIOELECTROTECNIA
(ARMANDO S. FERREIRA)
ESPECIALISTAS NA INDÚSTRIA RADIOELECTRICA

Reparações — Construções — Montagens
Receptores — Equipamentos sonoros-intercomunicadores
Emissores — Electromedicina — Autorádio

RUA DR. SOUSA MARGINS, 33-35 Telefone 4 1752 - LISBOA

VIÇOSO, MORATALLA & C.ª

GRAVADORES E ESMALTADORES

A melhor execução em trabalho de gravura e esmaltes em todos os géneros

OFICINAS:
RUA PEREIRA HENRIQUES N.º 1
LARGO DO CONTADOR-MÓR, 3

SEDE E ESCRITÓRIO:
RUA DE S. JULIÃO, 72

Telefone 2 4935 LISBOA

ORIENTAL

entra na 1.ª Divisão
afirmando-se um clube
PUJANTE DE VIDA



O treinador Alberto Augusto, recentemente investido no cargo, assiste à partida, talvez emocionado, tendo ao seu lado o sr. dr. José Maria Cardoso médico dedicado do clube

Só com dificuldade, depois da vitória, o grupo do Oriental se deixa fotografar, com dirigentes e treinador. A alegria era intensa e os aplausos não mais findavam...



O guarda-redes de Elvas livra-se do avançado-centro do Oriental



Patalino faz-se ao lance, numa magnífica figura acrobática, mas Alfredo, rigidamente, não o deixa passar. Ao lado, Marques e Neves defendem-se com energia



Alcide ganha brilho o tripulante



Filipe Luis, o vencedor dos 5.000 metros, sem oposição



A chegada da estafeta 4 x 400, ganha com inteiro merecimento pela equipa do Benfica

O TORNEIO DE ATLETISMO LUSO-FRANCÊS foi ganho pelo SPORTING



O esforço atleta Alves da Silva, de Sporting, classifica-se em 1.ª na prova de 200 metros



O famoso atleta francês Valmy ganha a prova de 200 metros



A equipa francesa do U. A. Turbaise que travou luta renhida contra Sporting e Benfica



Os portegues entregam ao chefe da equipa francesa um troféu, símbolo da amizade entre os dois países



O grande atleta Valmy chega 1.º nos 100 metros, após uma prova formidável



Tubières, francês, classifica-se 1.º nos 1.500 metros



O atleta Saint-Jour salta 3 metros 40 à vara e ganha a prova

CAMPATO
CORPOIVO
O DE
DESPORTO
Casa Mullier
REPRESENTA
PORTAL
EM ESPIHA



A Categoria de Honra do Grupo Desportivo da Casa H. Vautier que venceu o campeonato de futebol



Os Estados Unidos da América comparecem no Rio de Janeiro, apesar de não serem muito fortes em futebol. Esta fotografia, que é a da Seleção, parece indicar alguma coisa... O mais curioso do caso é que se trata, na verdade, de jogadores de futebol americano

Fragrantes

ORA VIRAS TU...

por MÁRIO SANTOS

A receita que os hoquistas portugueses aplicaram ao Egipto — foi uma vingança... Já o saberão de que facto. É que um dia, a nossa selecção de futebol foi de abalada até terras holandesas e, depois de haver triunfado brilhantemente sobre o Chile e a Jugoslávia e tudo levava a crer-se apresentaria na fase final do Campeonato do Mundo, os nossos bons dos egípcios aplicaram-nos uma cacetada na cabeça. Foi isso mesmo — uma cacetada, um golo!

Correram rios de tinta em Portugal, por essa altura. Aos nossos jogadores não se lhes perdoava o haverem perdido com a equipa reputada a mais fraca de quantas tomavam parte na prova e no elenco português figuravam alguns dos astros do futebol mundial desse tempo. Tal qual — alguns dos astros do futebol mundial desse tempo.

Recordo perfeitamente as certas e brilhantes crónicas que os mais categorizados técnicos portugueses fizeram por essa altura. Tamanguero — lia-se — foi o jogador mais brilhante no posto de médio-direito. Augusto Silva teve arrancas que para todo o sempre o celebraram. César de Matos, com menos brilhantismo do que o primeiro e sem a apoteose de glória que enfeitou Augusto Silva, deu a nota do mais regular dos três.

Mas não foram só estes três jogadores os da brilhante figura. Os dois defesas — Jorge Vieira e Carlos Alves — categorizaram-se como jogadores da mais pura água e o próprio guarda-redes, António Roquete, foi todo como o jogador mais correcto de atitudes plásticas, no seu posto.

Sucedeu isto, parece, num período que todos reputam de brilhante para o futebol português mas, ainda assim, negando aos jogadores desse tempo menor capacidade técnica que aos actuais.

Claramente — isto em bom português é nada mais nada menos que comparar um ovo com um espeto. As Leis do Jogo eram outras que — foi precisamente a sua alteração que provocou a adopção dos actuais sistemas defensivo e ofensivo no futebol.

O que parece arriscado é afirmar, sequer supor, que algum jogador de futebol português fosse capaz, hoje, de escolher a glória dos seus compatriotas a que me referi — sem lembrar, como é evidente, o desastre do Egipto.

Enfim — os portugueses já estão bem vingados...

O desporto português em grande festa

Fui a Braga assistir à inauguração do famoso Estádio Municipal e não me desaparece a impressão de grandeza que o momento solena me deixou.

O Estádio é uma maravilha de bom gosto, porventura, so-

bre certos aspectos melhor do que o do Vale do Jamor.

Não tem, evidentemente, a importância da Cruz Quebrada. Mas é mais aconchegado, parece até que, mais popular.

Das festas e jogos incorporados nessa inauguração guardo, por igual, recordação inesquecível.

Tive grandes surpresas o que me levou à conclusão de que é verdade o que dizem: já não percebo nada disto! É que de tanto jogador que evoluiu no Estádio um me deixou impressão de valor à parte. Tudo nele é brilhantismo, perfeição — modelo. É José Maria, o esguio interior-direito do primeiro grupo do Futebol Clube do Porto.

Salvo erro, dos pés desse esperançoso jogador saíram as jogadas que deram os três golos da sua equipa. Um dos golos foi mesmo fruto dum estupendo remate seu, daqueles remates de som metálico que mal se realizam já se sabe o que dão...

Ouvi dizer — eu tenho que explicar isto tudo porque raramente me recreio já nos campos de jogos — que as duas partidas realizadas nessa tarde foram com certeza das melhores efectuadas nesta época. Não sei se foram ou se não foram mas creio poder dizer que se o futebol português fosse aquilo que eu vi — não havia futebol espanhol que nos resistisse. O meu maluquinho é da mesma opinião...

O capitão destronado

O meu companheiro de viagem foi o hediondo adversário dos azuis e brancos — um encarnado que exerceu já duplas funções de capitania. Este celebrado capitão é um negroide de pele com uma alma mais branca do que a neve. Ganhando as suas esporas de ouro através de muitos anos de prática de futebol o companheiro a que me refiro viu das bancadas a exibição fulgurante da sua equipa e retorcia-se na dura almofada que aludara. Na sua cara via-se a todo o momento uma expressão de angústia pelo resultado. Estava-se mesmo a ver que o Sporting não era, naquela tarde, a equipa capaz de enfrentar o Benfica com êxito.

Pois o bravo capitão até os dedos lhe pareciam hóspedes... E confidenciava-me, a cada momento, que o Benfica estava perdido. — Está a fabricar-se um golo çera a frase predilecta.

Afinal o capitão destronado — nessa tarde totalmente destronado... — não percebe também nada daquilo. Está exactamente como eu... Do que ele percebe é de automóveis. Creio que como automobilista o irão ver, já que é tarde para poder vir a ser toureiro — sua grande ambição... desfeita...

De Braga para o Porto foi o capitão o rei da estrada...

os Patins
ADRO

ENTRE
TODOS OS MELHORES

Em Exposição

A. M. SILVA, Rua do Balasga, 67
DESCONTOS NA REVENDA

O DESPORTO NO IMPÉRIO

ESTA presentemente em estudo, na cidade de Luanda, a possibilidade de criação de um organismo superior de todo o desporto angolano, ao qual se confiaria o desempenho das funções e a competência disciplinar que, pela letra do Acto Colonial, transcende das atribuições da Direcção Geral dos Desportos e das nossas federações nacionais.

Esta situação dos territórios ultramarinos ante os organismos que legitimamente representam Portugal na hierarquia internacional desportiva, tem o seu quê de paradoxo e não corresponde, no caso particular em questão, à unidade existente entre os desportistas de todo o Império.

Na realidade, uma equipa representativa portuguesa engloba indiferentemente indivíduos naturais do Continente ou dos territórios imperiais; e, se assim é, se tem validade este legítimo direito, afigura-se lógico que a todos, sem distinção, deva atingir a acção orientadora e disciplinar dos mesmos organismos, aqueles que para todos os efeitos são considerados ante as entidades supremas internacionais desportivas como as intérpretes da actividade correspondente no Portugal Imperial.

São fáceis de encontrar os exemplos comprovativos da

conveniência desta integração sob poder único; se um atleta angolano, moçambicano ou de qualquer das nossas outras colónias bater um recorde nacional, este só terá validade se for sancionado pela Federação Portuguesa, para o que é indispensável a sua prévia filiação nesse organismo. Se pertencer a outra orgânica, seja ela qual for e por que motivos, o feito perder-se-á por estar à margem da organização legal.

Sendo assim, não se compreende que a regulamentação federativa tenha execução em determinado sentido, mas fique inoperante sob outros aspectos.

Há, aqui, uma divergência que requer harmonização, com vantagens para todos e sem dificuldades reais.

A REAL DESPORTIVA

Rua da Guiné, 11
Telefone 53717 - LISBOA

Algam-se artigos de Desporto para Futebol completos ou incompletos.

Também se vendem botas de futebol ao preço de fábrica. Envia-se mostruário para apreciação de trabalho.

Também se conservam bolas e botas de futebol. Sucursal: AVENIDA

: : : AFONSO III, 151 B : : :

Apreensões do Futebol Brasileiro

Do nosso redactor no Brasil — CANDEIAS ALVAREZ



SELECÇÃO «A» DO BRASIL. — De pé: — Rui, Ely, Santos, Barbosa, Mauro, Noronha e Solassa (Massagista). De joelhos: — Mário Américo (Massagista), Tesourinha, Zizinho, Ademir, Jair e Chico.

ERRAR é humano, mas, por princípio gostamos pouco de errar. Talvez por esse motivo, esperamos pacientemente quinze dias as quatro exhibições dos seleccionados brasileiros para ajuizarmos das suas possibilidades no Campeonato Mundial.

Recordamos que em nossas crónicas anteriores temos feito o possível por demonstrar que as coisas não correm como seriam para desejar, no entanto, não só para a crítica brasileira como ainda para a imensa torcida o Brasil era já antecipadamente Campeão do Mundo. Ainda antes do torneio se ter disputado...

Exceptuando o «Bobina» — o Geraldo Romualdo da Silva — que bastante tem alertado os seus compatriotas contra o perigo da substituição, depois da viagem que fez à Europa. Geraldo conhecedor profundo do valor futebolístico europeu, tem bramado positivamente no deserto. Mas felizmente para ele, o seu dia chegou. E chegou talvez ainda a tempo de ser compreendido e dos dirigentes arripiarem caminho e enveredarem pelo trilho que mais os pode beneficiar. Parecerá incrível, mas é a pura verdade. A nata futebolística do Brasil, os *cracks* que valem fortunas, desiludiram todo o mundo. Defrontando uruguaios e paraguaios, no Rio e em São Paulo, deixaram a torcida e a imprensa em suspenso. As suas actuações foram por demais pobres para quem alimenta tantas ilusões. Pobres de técnica e de entusiasmo. Os 22 jogadores que integraram as seleções A e B apesar do estágio a que os submetem em Araxá, durante mais de um mês, deram-nos mais impressão de fatigados que antes. Falhos de reflexos uns; lentos em dema-

sia outros, só num ponto se equivalem: gordura!! O estágio com todos os cuidados médicos, pesagens diárias, alimentação especial etc., etc., sómente serviu para encher páginas de jornais. Já os dois treinos realizados em Araxá haviam decepcionado. Aguardaram-se no entanto os embates frente a paraguaios e uruguaios.

Depois do baile que os orientais levaram dos paraguaios todos no geral anteviam mais difíceis os encontros do seleccionado B. Sim, porque jogando bisonhamente, os tri-campeões do Mundo seriam presa fácil do seleccionado A. Mas por vezes a fibra e coração valem mais que todas as técnicas. E como futebol não tem lógica e os uruguaios quando defrontam o Brasil são sempre temíveis adversários — o que se viu foi os donos da casa em São Paulo sugentarem-se às vaías da torcida. Barbosa, San-

tos e Mauro; Ely, Rui e Bigode; Tesourinha, Zizinho, Ademir, Jair e Chico, toda a constelação de *cracks* profissionais brasileiros, afivelaram a «máscara», fizeram um golo aos dois minutos e convenceram-se de que não valia a pena lutar. Mas como uma equipa onde abundam os valores individuais não basta para se exibir a contento, se não apresentar um conjunto em relação aos seus integrantes chegou o trilo final e o Brasil saiu vergado ao peso de uns 4 a 3 justíssimos.

No Rio de Janeiro, a selecção B, constituída por Castilho; Santos e Juvenal; Bauer, Danilo e Noronha; Friaça, Maneca, Baltazar, Ringa e Rodrigues lá conseguia a duras penas levar de vencida os paraguaios por 2 a 0, mas não demonstrando a mais pequena réstea de técnica. Muita acção individual, muito pontapé para o ar; mas, mais nada. E os segundos encontros não melhoraram o panorama.

Em São Paulo a selecção B consentia o empate por 3 a 3 e a A vence os orientais por uns 3 a 2 inexpressivos. Flávio Costa o técnico brasileiro, em declarações feitas à imprensa afirmou que a forma completa dos jogadores convocados só era possível em fins de Junho.

Tem o Brasil todos os requisitos necessários para a conquista do título máximo, mas há ainda muito que trabalhar e o tempo escoa-se rapidamente. Assim como os vimos, ou mesmo apresentando-nos uma melhoria sensível, não será possível alimentarem as ilusões. O seleccionado brasileiro será fácil presa e o mais pequeno resvala é o dealbar dos sonhos arquitetados. O pareo é muito duro e assim não...

CANDEIAS ALVAREZ

BRAGA E O SEU ESTADIO

A inauguração do estádio 28 de Maio, em Braga, dispende desde já de uma pista para corridas pedestres e cujo plano compreende ainda a construção de terrenos para jogos desportivos (basquetebol, voleibol, tennis) e de uma piscina, permite considerar a possibilidade imediata do incremento de diversas modalidades desportivas em regime de perfeita independência.

O atletismo, por exemplo, teve sempre praticantes em Braga, homens da melhor classe nacional, incorporados na zona de influência da Associação Portuense; a situação compreendia-se pela falta, na provincia minhota, de instalações próprias para a prática das corridas, saltos e lançamentos. Agora, porém, o caso muda de figura.

Porque razão, por exemplo, concorem os clubes bracarenses aos torneios portuenses de voleibol? ou, como dissemos, às competições de atletismo da A. P. A.?

O interesse do desporto português precisa da criação de novos centros de prática devidamente organizados. A expansão é a melhor das condições de progresso.

A generosa dádiva do Governo não se resume a proporcionar melhor condição à prática do futebol na região; merece ser considerada, sobretudo, como valioso estímulo a um esforço eclético de propagação correspondendo, no âmbito nacional, a uma obra também de profunda projecção nacional.

A Federação Portuguesa de Atletismo já na época presente ponde dividir as suas organizações por Lisboa, Porto e Coimbra, cidades onde existiam pistas utilizáveis; os clubes bracarenses devem agora caprichar, pela sua actividade e organização colectiva, em conquistar o direito de requerer para a sua cidade, em 1951, um dos campeonatos nacionais de pista.

CASA AGOSTINHO CABRAL

LACAS ★ DECORAÇÃO ★ DOURADOS
PINTURAS EM SALAS E MÓVEIS ★ MOLDURAS EM TODOS OS ESTILOS

193, Rua da Rosa, 197 • Telef. 20425 • LISBOA

CASA CONDEIXA

LOTARIA DE S.º ANTONIO

..... 9 DE JUNHO

3.000 CONTOS

BILHETES 300\$00 • VIGÉSSIMOS 15\$00

217 — R. Arco Bandeira 217 — Telef. 26480 — LISBOA

Nós sabemos...

quão desagradável é a sensação que V. experimentou ao verificar a pequena duração do seu equipamento

Não se lamenta e procure emendar-se!

Compre hom que é a melhor forma de comprar barato.

CASA PEYROTEO

51, Rua Nova do Almada
Telefona: 26046



Campeonato Nacional de Ciclismo — Alves Barbosa, do Sanguinhos, vencedor da prova Amadores Juniores e campeão nacional



Belenenses e Torriense, que empataram em futebol, deixam-se fotografar em conjunto



Jogada movimentada no Belenenses-Torriense



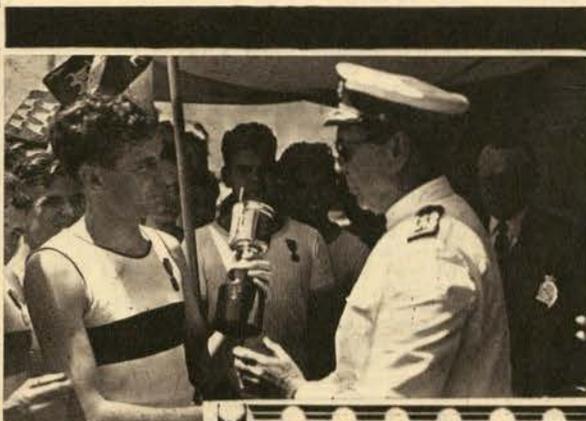
Manoel Rodriguez, do Sanguinhos, ganha o Circuito de Torres Vedras

Um avançado do Benfica, do grupo de Juniores, eleva-se, procurando bater a defesa do Porto

Campeonatos Regionais de Atletismo — Francisco Mendes Antunes, de Braga, vencedor dos 300 metros, ao estabelecer o novo recorde do Norte



Despedida de Guilhar — Vitor Guilhar entrega aos jogadores do F. C. do Porto e Salgueiros medalhas de recordação



O DIA DE REMO da Mocidade Portuguesa

O Centro de Remo de Lisboa da Mocidade Portuguesa organizou no último domingo o seu «Dia de Regatas» de barcos de remos, demonstrando a actividade magnífica daquele centro. Nas provas tomaram parte diversas tripulações da M. P. e dos clubes náuticos.

No final o sr. vice-almirante Oliveira Pinto, major-general da Armada, fez a entrega dos prémios às tripulações vencedoras.

O VACUUM CLUB

Ganhou o Concurso de Pesca Desportiva Realizado em Peniche

Conforme anteriormente foi anunciado, realizou-se em Peniche um concurso de pesca desportiva de Mar, disputado entre as equipas do Vacuum Club e do Grupo Desportivo da Casa Hipólito, de Torres Vedras.

A prova foi disputada com bastante animação e alto desportivismo entre todos os concorrentes. Apesar do mar estar completamente parado e as águas lúas, foram conseguidos bons resultados pela equipa do Vacuum Club.

A classificação geral foi a seguinte:
Equipas: 1.ª classificada — Vacuum Club, que ganhou as Taças «C. M. de Peniche» e «Vacuum Club». Aos componentes da Equipa foram atribuídas miniaturas.

Individuais: 1.º Fernando Lopes da Silva, Taça «Junta de Turismo de Peniche» e plaquete prata dourada.

2.º Clement Vian, medalha dourada.

3.º Eng. Alves do Rio, medalha prateada.

Maior exemplar, José Carlos Correia da Silva, Taça «Auto Lusitânia».

No fim do concurso realizou-se também em Peniche um banquete oferecido pela C. M. daquela localidade aos concorrentes e convidados.

Presidente o Sr. Governador Civil de Leiria, ladeado pelos Srs. Presidente da Câmara, Sebastião Perestrelo, Director da Socony Vacuum Oil Co., Capitão do Porto de Peniche, e Presidente da Junta de Turismo de Peniche.



A EQUIPA Normann Bun, Eng. Alves do Rio, Clement Vian, Fernando Lopes da Silva



TENHO FÉ DE QUE SEREI NOVAMENTE CHAMADO A SELECÇÃO NACIONAL

— afirmou Virgílio Mendes, «internacional» do Futebol Clube do Porto

NÃO deixámos fugir o ensejo que se nos deparou há uma semana atrás, quando encontramos Virgílio, o moço e popular «internacional» do Futebol Clube do Porto, uma certeza das mais firmes do nosso futebol.

Não nos foi difícil encaminhar a conversa para o que pretendíamos, dadas as excelentes relações que nos ligam, não só ao defesa nortenho que hoje depõe nas colunas da *Stadium*, mas a outros elementos de valor positivo que militam em clubes da cidade invicta e que a seu tempo também dirão de sua justiça.

Virgílio Mendes, uma mocidade em flor, pois conta somente 22 ridentes primaveras é uma pessoa simpática e afável no trato.

O antigo atleta do Ferroviários do Entroncamento que enverga a camisola azul-branca do Futebol Clube do Porto, há três épocas, elucida-nos que começou a actuar a interior-esquerdo e já alinhou a avançado-centro, extremo-esquerdo e médio deste lado na mesma equipa onde hoje é o defesa-direito titular. De todos os lugares que desempenhou, o defesa é, sem dúvida, o que mais lhe agrada.

Em jeito de conversa desprentenciosa fomos recolhendo opiniões e pensamentos que apresentamos sem a quele formalismo habitual da pergunta e resposta, por mais consentâneo com o ar de intimidade havido, que quase podemos classificar de debate.

— Estou estabelecido no Porto, — disse-nos, e francamente gosto do ambiente. Criei sólidas amizades que muito prezo e quero manter. No clube que com orgulho represento, tenho encontrado ambiente amistoso e mercê dele tenho singrado na vida particular e na minha carreira des-

portiva. Estou muito grato a todos os portistas, — uma grande e unida família que estremece a bandeira gloriosa que é um símbolo de trabalho persistente e profícuo despendido a favor do desporto português e que eu, por igual, respeito e admiro, dando com alegria o melhor do meu concurso para a tornar cada vez mais respeitada e prestigiosa. Não penso abandonar o Futebol Clube do Porto, onde, repito, me sinto bem e a quem sirvo por convicção. Depois do meu clube preferido as minhas predilecções vão para o Sporting, onde alinhna, na categoria de juniores, meu irmão José, a extremo-esquerdo. Esta, a verdade nua e crua. O resto que se diz ou escreve não conta.

Foram perentórias estas declarações, a revelar de forma clara, que Virgílio sabe o que quer.

Mas continuemos a registar as confidências ouvidas.

— A propósito do encontro Portugal-Inglaterra e da minha substituição, afirmo-lhe que quando entrei para o rectângulo, já sabia que não jogaria até ao final. Daí o não lhe ser difícil calcular o meu estado de espírito, todo nervosismo e inquietação. Não lhe cito os nomes dos informadores. Basta que lhe diga que foram amigos sinceros e alheios ao «meio» em que estamos vivendo há uma semana. Este estado de alma desbordou quando começaram os injustos assobios, mas não me perturbou o ânimo, cotinuando a lutar com o mesmo empenho de bom português que quebra mas não torce.

E num tom de voz magoado, exclamou como remate:

— O meu mal foi «dar» muito terreno ao adversário que me competia vigiar. Aprender até morrer.

Numa brusca mutação garantiu-nos com ar confiante:

— Tenho muita pena por haver sido afastado da equipa nacional, mas tenho fé de que, novamente, serei chamado a defender as cores da pátria. Longos dias têm 100 anos. Sou muito novo e posso esperar. Mas, no dia em que lá voltar, não será fácil que outro me venha arrebatat o lugar que saberei defender, por mérito próprio, com todo o meu brio de atleta pun-donoroso.

Novo rumo tomou a conversa. Captamos mais esta afirmação:

— Desde que se iniciou o estágio, no Estoril, deixei-me inferiorizar em demasia, ressentindo-se, como é óbvio, o moral. Pairava no meu espírito a certeza, baseada em informações fidedignas, de que o outro jogador que desempenhava o meu lugar, haveria de jogar também... Quanto à minha substituição no Portugal-Inglaterra foi muito acertada, confesso, porque não estava a dar o rendimento habitual. A propósito, assevero-lhe que as minhas relações pessoais com Octávio Barrosa são as melhores. Estimo esse admirável camarada, não havendo da minha parte qualquer ressentimento. Aquilo que veio a lume nos jornais não passou de paisagem, porque a amizade é mais forte do que as fantasias esboçadas por certos espíritos...

Falou-se, depois, acerca do comportamento do campeão do Porto, no Nacional da I Divisão, aduzindo o nosso interlocutor várias considerações sobre as contingências que influem no rendimento de qualquer equipa e que por terem atingido a sua, não lhe permitiram a obtenção de um lugar mais destacado na tabela da classificação. Contudo, a excelente matéria prima que compõe a turma principal do Futebol Clube do Porto demonstrará, em sua opinião, na época próxima, o merecimento que possui, classificando-se muito melhor do que na época finda.

Auscultando sobre a impressão que lhe deixaram os últimos prélios internacionais, Virgílio Mendes, com grande à-vontade, disse-nos:

— Para mim, foram os ingleses os que mais me cativaram. Jogo prático, revelador de atu-



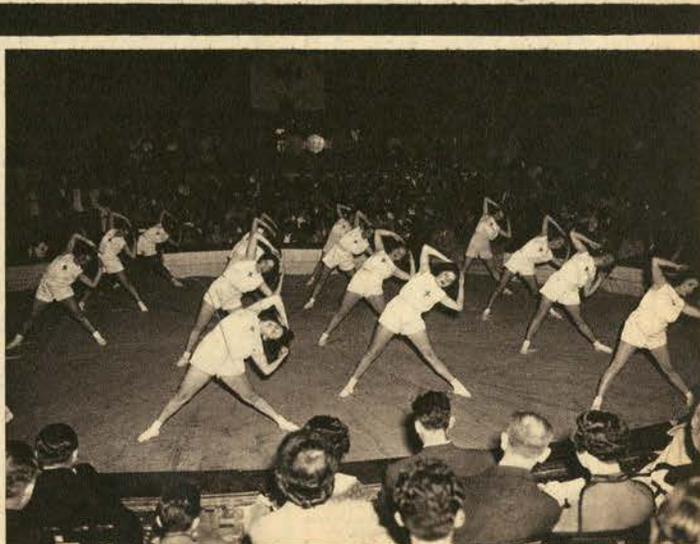
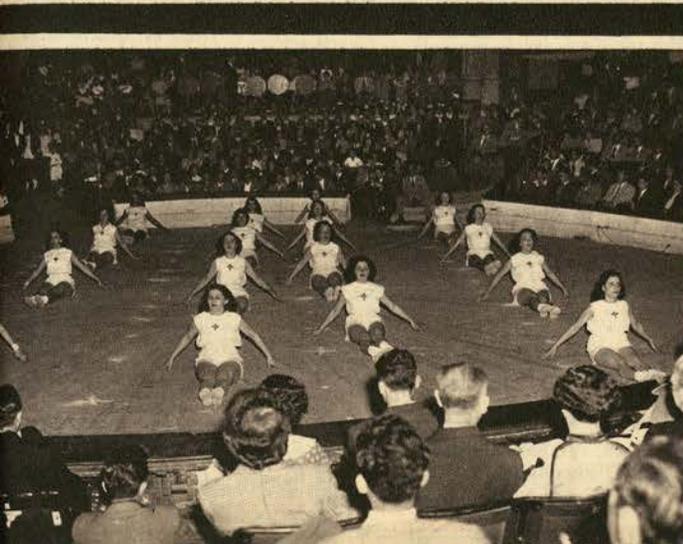
rado trabalho e grande consistência técnica. Valores individuais acima do que é vulgar notar-se em elementos classificados de bons. Se contra os espanhóis, a nossa Selecção tivesse actuado de forma semelhante à que demonstrou contra os ingleses e escoceses, nunca os nossos vizinhos ibéricos teriam sido apurados para o Campeonato Mundial.

Respondendo a um comentário que fizéramos, ouvimos o seguinte:

— Destaco, com o maior prazer, os nomes de Finney, Mortensen, Steel, Liddell, Woodburn, Gainza e Puchades, como estrelas brilhantes no firmamento do futebol, pelo que me foi dado presenciar. São de facto, muito bons; em qualquer equipa seja qual for a sua nacionalidade.

Nada mais há a acrescentar ao que já leram. Estas são as opiniões do «internacional» de 22 anos, Virgílio Mendes, um dos valores mais representativos do nosso futebol.

PITTA CASTELEJO



Sarau de encerramento das classes de ginástica do LISBOA GINÁSIO CLUBE no Coliseu dos Recreios
Dois trechos da classe feminina, que se exibiu com muito agrado, dirigida pelo prof. Anibal Ramos

na capital NORTE

VIDA NOVA...

A época de futebol está concluída. Os dois principais clubes portugueses, F. C. Porto e Boavista, representar-nos-ão na próxima época, o primeiro por se ter mantido dentro de uma zona que o não fez correr perigo, — o segundo porque conquistou brilhantemente o campeonato nacional da 2.ª Divisão.

Ora, sendo assim, devem as duas colectividades procurar corresponder na nova época aos anseios dos seus admiradores incondicionais, que são muitos. E como? Certamente de um modo já conhecido e apegado às suas tradições: — envolvendo-se na luta com entusiasmo e tratando a tempo e horas de se defenderem de jornadas traiçoeiras.

Claro que alguns insucessos do F. C. Porto, por exemplo, nasceram nas arbitragens irregulares que esportou em diversos campos. Esta Verdade não pode ser escondida e muito menos negada, agora que a função oficial acabou e se criam outros alicerces com vista à nova época. Alguns árbitros fizeram tudo quanto era possível para arbitrar mal, melhor dizendo — para arbitrar com pouca imparcialidade.

Os portugueses não ficaram em 5.º lugar por causa das arbitragens, certamente, mas o trabalho inferior de alguns juizes de campo arrastou o público e os jogadores para um estado de esprito desagradável — que oxalá não venha a repetir-se.

Além do irregular comportamento dos árbitros, parece-nos ainda oportuno afirmar que alguns erros de visão contribuíram para clarificar mal a equipa dos campeões locais. A equipa principiou sem preparação, vendo-se durante muito tempo gorda a mais nos jogadores. Depois, assistiu-se à dança dos treinadores, à oscilação constante do grupo... E tudo junto, sem dúvida alguma, deu origem a uma época pouco feliz.

Por isso dizemos: Vida Nova. Para o F. C. Porto que se não deve deixar cair nos erros que lhe perturbaram a posição no torneio. Para o Boavista que regressa à Divisão de Honra, esperando e com certeza disposto a manter-se no grupo dos melhores grupos portugueses. Há dois anos, a felicidade não tocou à porta do clube do Bessa. Na época presente, tudo mudou de figura, ou por outras palavras: — o Boavista pôde provar-nos a sua categoria, embora não deva esquecer-se que lutou contra equipas da 2.ª Divisão.

Pense-se pois desde já na nova época. Talvez, mesmo, seja tarde. Não falta, evidentemente, quem se tenha antecipado.

CURIOSIDADES...

- 1 A arbitragem de Paulo de Oliveira, no Braga-Porto, desagrado por completo aos desportistas azuis brancos. Claro: — para não fugir ao costume...
- 2 O F. C. do Porto, segundo corre na cidade, foi convidado a exibir-se no Mézico. Fala-se numa grande verba para compensação.
- 3 Os clubes do Norte continuam interessadíssimos na remodelação do campeonato da II Divisão.
- 4 Vai ser prestada uma justa e significativa homenagem ao Boavista F. C., vencedor do Campeonato Nacional da II Divisão e futuro componente da I.
- 5 O Sporting de Braga vai reforçar-se com alguns jogadores. Apontam-se, desde já, dois elementos da Capital.
- 6 A equipa do F. C. Porto jogará na próxima homenagem ao Boavista F. C., Santista. Depois, preparar-se-á para uma viagem aos Açores.
- 7 Ficou mais uma vez sem efeito o encontro de andebol Portugal-Espanha. Para este desafio a cidade do Porto dava 7 jogadores: 3 do F. C. Porto (Fábulo, Augusto, Paulo, Teixeira e Campos), 1 do Vigoroso (Montalvão) e 1 do Académico — (Alfredo).
- 8 O grupo do Vilanovense ganhou em andebol ao F. C. Porto (0-3). O título, porém, já pertencia aos habituais campeões.
- 9 Temos a impressão de que o aqui campo, prova nacional, caiu no esquecimento.
- 10 A falanga de apoio ao F. C. Porto surpreendeu no domingo em Braga. Realmente, foi numerosa e aguerrida.
- 11 O engenheiro Alfredo José Ferreira, antigo presidente do Salgueiros, confirmou o seu pedido de demissão.

- 1 Os trabalhos de arrelvamento do futuro campo do F. C. Porto vão principiar brevemente.
- 2 Visita-nos brevemente a equipa nacional de aquil em patins.
- 3 Também jogando mais uma vez nesta cidade, possivelmente num campo de jogos, as equipas americanas de basquetebol que há tempos estiveram entre nós. Calcula-se que as espere o mesmo sucesso de bilheteira.
- 4 A última assembleia geral do F. C. Porto aprovou por aclamação o regulatório e contos da última gerência.
- 5 Saiu para as literarias um belo livro de Pinto da Costa, antigo director do F. C. do Porto. «Caravana da Saudade» é o seu título. «Pinto da Costa trata com autoridade e boa soma de pormenores da vida do seu clube» a Luanda, na última época, e merece por isso que todos os desportistas se interessassem pelo seu trabalho.

VISITEM O Restaurante Chinês

Avenida Guerra Junqueiro, 9 — LISBOA

Com serviço de pratos genuinamente chineses

E também com cosinha tipicamente alentejana

Certifique-se hoje mesmo das suas especialidades

Dois assuntos...

1 A inauguração do «Estádio 28 de Maio», levando o júbilo aos corações minhotos, também contagiou os desportistas portugueses, que para ali se deslocaram em número elevadíssimo. Pode afirmar-se sem recelo de desmentido, que uma grande parte do espaço do elegante Estádio foi ocupado por desportistas portugueses.

E, tal como aconteceu aos minhotos, o visitante também se mostrou contente, visivelmente satisfeito com a regularidade que bateu à porta dos clubes de Braga — e mais propriamente do Sporting, seu campeão e um indiscutível pioneiro do desporto. Os portugueses demonstraram-no aos membros do Governo ali presentes, fazendo exhibir ante os seus olhos um grande cartaz onde se lia: «O F. C. do Porto agradece ao Governo da Nação o auxílio prestado ao desporto». E demonstraram-no também com a sua alegria ruidosa durante o espectáculo a que assistiram.

Regressaram por isso à sua terra convencidos de que alegria igual à dos minhotos lhe virá a caber um dia — que oxalá não seja distante.

2 A vitória de Luciano Moreira de Sá, possivelmente o mais novo independente português, causou alguma surpresa na capital do Norte, embora todos reconheçam no jovem ciclista admiráveis qualidades.

O irmão de Fernando Moreira de Sá, também como ele iniciado nas fileiras do F. C. do Porto, podia sem dúvida colocar-se no lote dos favoritos, pois ainda há pouco se bateu galhardamente nos campeonatos regionais. Na pista, Luciano Moreira de Sá é igualmente um belo corredor, e ainda no fim da época passada impressionou fortemente o público — por ocasião das visitas de Gino Bartali e Fausto Coppi. Mas era muito novo...

Este moço tem agora 19 anos. Desta idade para deante, muitos triunfos pode vir a conquistar, juntando-os a este título de campeão nacional, ganho na luta contra estradistas consagrados e por demais conhecedores da modalidade. O seu irmão Fernando esteve há dois anos à beira do campeonato, só não o conseguindo por queda, junto da meta. Luciano substituiu-o agora, garantindo mais um título nacional ao Porto.

FUTEBOL

(Continuação da página 2)

Aguardemos nas próximas exhibições da Portuguesa de Santos para um jogo definitivo. O Sporting de Braga apresentou-se desfalcado, e ainda por cima com o seu magnífico guarda-redes (Garcia) magoado e sem poder alinhar no segundo tempo.

— O Sporting foi recebido festivamente em Silves, disputando ali uma partida contra o Olhanense. Ambos alinharam o seu melhor, o que não é regra em desafios desta natureza, e os leões ganharam, mais uma vez, ao Olhanense, por 4-2.

A primeira parte decorreu com equilíbrio, desenvolvendo os algarvios um vistoso futebol de conjunto, em contraste com a maneira sportingista, esta mais com a ideia de gol. No segundo tempo, os leões forçaram o ritmo e atingiram 4-1, fazendo boa exhibição.

— Nas festas comemorativas do simpático clube que é o Torriense, Belenenses empatou a uma bola. No confronto, é evidente que o Torriense se comportou melhor, obrigando os jogadores de Belém a empregar-se a fundo para não sofrerem um desaire, o que seria desagradável.

Os grupos repartiram o domínio. No primeiro tempo dominou o grupo local e no segundo o Belenenses. Ambos pecaram por deficiências de remate e falta de pontaria. O Torriense, no seu período de vantagem, mostrou boa organização, coleando em sérias dificuldades o seu categorizado adversário.

— Vítor Guilhar fez a sua festa de despedida na Constituição. O Porto jogou contra o Salvatense e venceu por 4-1. A linha dianteira dos portugueses esteve em evidência, mas a grande surpresa foi dada pela reaparição de Araújo. Que seja em boa hora! Guilhar alinhou um quarto de hora e teve uma despedida carinhosa.

Os juniores do Benfica venceram os do Porto, com brilho, por 4-0.

— O Académico de Viseu derrotou a Associação Académica por 6-2.

Deve acrescentar-se que jogou bem e dominou territorialmente. Todavia, a Académica não apresentou o seu melhor conjunto: os jogadores, preocupados com os estudos, estão longe de manter o máximo.

— Em Montemor-o-Novo, o União Sport derrotou um Mixto do Vitória de Setúbal por 6-0, dando ideia de capacidade.

RODOLFO SERPA

(Continuação da página 5)

campeão! Não atingiu — talvez por culpa própria — o lugar de grande evidência a que se alancardaram seus irmãos; no entanto, a sua acção, em prol do desporto favorável ao seu sector, justificou-se perfeitamente a homenagem de que acaba de ser alvo.

Campeão de Portugal e de Lisboa durante vários anos, alguns consecutivos, praticante amador-puro do Desporto, como simples recreio, é daquilo que se devotaram à modalidade de predilecção. Justificou-se perfeitamente a homenagem de que acaba de ser alvo. Magalhães, Gama Reis, Wunderl, Leonel, Prazeres, Feliciano, César Ferreira, Melo, Tinoco, Montalvão e Hipólito; do eng. Reis e de Schutzenmeister, um alemão loiro que foi do Clif e desapareceu das lídies desportivas, dos irmãos Sousa e Tibúrcio, de Gíão, Garcia, Campos, André, Zabaleta — e de tantos outros cujos nomes seria enfadonho citar.

Rodolfo Serpa — bom amigo, bom companheiro, bom adversário — em suma, bom desportista — podia ter ido longe... Mas preferiu sempre ficar «na sombra!» E como praticante — até na sua festa! — quis ser sempre amador furiosíssimo; tanto assim que foi ele o ofertante das duas taças em disputa, a uma das quais deu o nome de «Lídia Maria», sua sobrinha e afilhada.

As imagens que acompanham esta página são a fiel expressão do que foi a festa de homenagem a Rodolfo — uma reunião de camaradagem. Naquela campo «Francisco Lázaro» (nome grande do Desporto) teve o atleta o merecido quartinho tributado da sua perseverança e dedicação ao hóquei em campo.

Ocorre, porém, perguntar: — Rodolfo Serpa, um paladino do hóquei, despediu-se da actividade? Sinceramente, não acreditamos, e temos até a certeza certa de que (quando o seu clube precisar) ele responderá «Presente!» Aqui estão, e para sempre...

BOXE

O pugilista alemão Hein Ten Hoff, titular de espadas, conseguiu um resultado brilhante em Mannheim, contra o negro Jersey Joe Walcott.

Foi a primeira vez enfrentado um homem de grande classe, considerado o segundo jogador de soco da actualidade, resistindo-lhe bem aos violentos ataques e terminou batido por pontos. Segundo a critica, Ten Hoff revelou-se (o que é raro) pugilista de múltiplas qualidades: estilo, força de golpe e resistência.

O velho Joe confessou o seu pânico, dizendo: «alguns socos que Tein Hoff recebeu teriam derrubado o próprio Joe Louis».

O encontro desenrolou-se sob uma chuva de granizo, prejudicando o resultado financeiro do mesmo. As trinta mil pessoas presentes não arredaram pé. O 5.º assalto, nitidamente favorável ao europeu, entusiasmou imenso a multidão, que aplaudiu em delírio durante o intervalo.

Luís de Santiago, campeão de Espanha da categoria «levisísimos», combateu o suíço Tennebaum e derrotou-o nitidamente por pontos. O encontro efectuou-se em Barcelona.

Os campeões de França de emé-dios e de «levisísimos» concluíram brilhantemente a época de 1949-50, triunfando sobre os pretendentes, no Palais des Sports).

Jean Stock, oposito ao corifeo Jean Walzack conseguiu uma vitória discutível sobre este último que merecia o empate, no dizer da critica. Quanto a Theo Maquina, depois de atrair à lona o ágil Maurice Sanderon, arrancou o triunfo por margem escassa e terminou fatigado.

Um título que mudou de proprietário foi o da categoria «semi-médios». De facto, Charles Humetz, combatendo o duro golpador, Titi Clavel, em Lens, foi desclassificado no 4.º assalto por golpe baixo, perdendo o cobizado troféu.

Nos Estados-Unidos, entre outros resultados, distinguimos os seguintes: Joey de John, actuando em Syracuse contra o judeu Herbie Kronowitz, também semi-pesado, pô-lo fora de combate. Em Detroit, Ray Barnes obteve a bate no período inicial.

decisão pontual contra Tommy Yarosz, um veterano que não desarma. Kid Gavilán, pretendente ao título de campeão do Mundo de semi-médios, derrotou o americano Small, por pontos, no Madison Square Garden.

Por sua vez, em Indianapolis, Bert Lrtell imitou o seu comportamento ao ao venerar de igual maneira, Bob Amos.

TENIS

Os campeonatos internacionais de Paris, à hora em que escrevemos estas linhas, entraram na fase derradeira. Depois de sucessivas eliminatórias, chegaram aos quartos de final os seguintes concorrentes: E. W. Sturgess, vencedor do americano A. Larsen, por 4/6, 6/2, 6/2, 6/4; Budge Patty, triunfante sobre Dorfman pelo resultado de 6/6, 6/1, 3/6, 6/1; Drobny, cujo duelo com o jovem Seixas, foi épico e concluiu por 7/5, 17/15, 6/7, 6/4; Billy Talbert derrotando o australiano Bromwich por 6/2, 6/2, 6/3.

A sensação dos oitavos de final foi a vitória do americano Dorfman sobre o cotado campeão da Austrália, Seligman, exibindo uma técnica perfeita. Infelizmente, contra o seu compatriota Patty Fraquejou e foi eliminado quando a vitória parecia justamente sorrir-lhe.

ARTIGOS
DE SPORT
E JOGOS

SPRIL

Rua do Loreto
34-2.º — LISBOA

Telefone 2 3797



NOTA DA SEMANA

O ambiente que rodeou os desafios de óquei patinado, a contar para o Campeonato do Mundo desta modalidade, nem sempre foi favorável aos interesses portugueses.

Depreende-se dos comunicados telegráficos e dos relatos rádio-fónicos proferidos pelo locutor que se deslocou ao Palácio do Gelo, de Milão, ter havido parcialidade nalguma arbitragem, incitamentos aos nossos adversários, e poucos aplausos em nosso benefício — tudo argumentos de efeito sobre a imaginativa acessível do entusiasta nacional.

Longe de nos deixarmos embalar pela insidiosa canção, que atribui a ventos desfavoráveis o naufrágio das nossas ilusões (quando elas, evidentemente, sucumbem...) desejamos pôr em foco, como exemplo de ética desportiva pura, o aplauso caloroso, espontâneo, do público milanês, depois da turma de Sidónio Serpa se exibir a grande altura, derrotando os egípcios pelo monumental resultado de 16 tentos a zero.

Embora o grupo lusitano fosse considerado o mais perigoso adversário da admirável equipa transalpina, os espectadores aclamaram-na em côro e — segundo rezam as gazetas — reconciliaram-se conosco.

O termo «reconciliação», pressupõe antagonismo anterior. É que havia, antes disso, desinteligência e padecimento, não sendo difícil atribuir à atitude do zé povinho lisboeta o mórbus da moléstia, quando, no Palácio dos Desportos, se receberam as embaixadas visitantes.

Mas, será de condenar o incitamento, humaníssimo, dos italianos aos seus jogadores?

Não é isso normal, urbi et orbe? Consequentemente, existe delito de hostilização quando se anima o fraco contra o forte e, em princípio, os fortes de Milão fomos nós — campeões mundiais — e os participantes italianos?

O leitor ajuzará por si-mesmo. Recordar os costumes lusitadas, em certas ocasiões, facilita raciocínios. Somos apaixonados em excesso ou indiferentes abomináveis, pelo que nos pertence. Custa-nos aplaudir o êxito alheio — conforme vinte cinco anos de contacto com as massas no-lo tem provado — mas o pior são, todavia, as influências nefastas dos incitadores.

Certos cronistas sem imparcialidade acicatem o orgulho nacional, por mera aberração de julgamento. Impróprios para a missão — por incapazes — valem-se de atos artificiosos melodramáticos, exagerando o que veem para avolumarem créditos próprios.

A recusa dos ingleses, negando os nossos árbitros; a hostilidade dos serviços, em Montreux, e a frieza dos italianos, resultam de atitudes despreciantes, geradas em descrições sem veracidade nem fundamento.

Cautela, pois, não se tome a névem por Juno!

OS campeonatos internacionais de ténis, que se disputaram em Paris ultimamente, podem considerar-se a mais importante prova europeia de terra-batida. Desta vez, os norte-americanos, australianos e sul-americanos, apresentaram-se na máxima força, emprestando ao torneio um lustre igual aquele que conhecemos antes da guerra de 1939.

Mas não é esse facto que nos inspira a fazer-lhe referência, neste lugar. Sômente, a participação do português José Roquette, campeão nacional da modalidade no feriu os sentidos, levando-nos a aplaudir o concurso do nosso compatriota a tão selecta prova tenística. É certo que as probabilidades de um triunfo hipotético estavam reduzidas a zero, aprioristicamente, não o estando tanto uma classificação honrosa, se as circunstâncias do sorteio houvessem favorecido o concorrente lusitano.

Sucedeu precisamente o contrário. Oposito a Sturgess, um dos mais fortes participantes inscritos, Roquette saiu derrotado em três partidas, por 6/1, 6/2, 6/0 mas não desconsiderado pela critica.

Extraímos do nosso confrade parisiense L'Equipe as seguintes palavras, acerca dos motivos que dificultaram a exibição do tenista lusitano:

«O campeão português, o simpático José Roquette, não ponde dar a justa medida dos seus méritos. Tal como acontecera aos representantes suíços, na tarde da Taça Davis, Roquette estranhou a pista principal, com que tomara contacto pela primeira vez.»

Somos daqueles que entendem benéfico o concurso de desportistas portugueses a todas as manifestações importantes. Só um contacto internacional estreito, e contínuo, poderá outorgar-nos o nível técnico indispensável, que favoreça o progresso de todas as modalidades ofuscadas, até hoje, pela primazia do popular bolapê.

RAFAEL BARRADAS

FUTEBOL

A vitória da equipa escocesa sobre a turma de França, vitória conseguida pelo magro resultado de 1-0, decepção bastante os críticos parisienses.

Os dianteiros insulares, sem se aplicarem a fundo (desperdiçaram uma grande penalidade!) deram aos adversários uma lição de boa técnica e isso mesmo afflige os jornalistas, em vésperas do grupo representativo gaulês se deslocar ao Rio de Janeiro.

O público não esteve com contemplicões. Após o desafio, assobiou os seus compatriotas, convencido das suas magras possibilidades num torneio de tanta importância.

Derrotando Valladolid por 4-1, ao fim de um prolongamento, o Atlético, de Bilbao, conquistou a Taça Generalissimo. Estiveram presentes oitenta mil espectadores, que aplaudiram o Chefe do Estado freneticamente.

Os leões de S. Mamés romperam num ataque cerrado e, ao 14.º minuto, marcaram o primeiro tento, por intermédio de Zarra (que foi o autor dos três seguintes).

A linha dianteira dos castelhanos falhou completamente, mas a cinco minutos do termo da segunda parte, Coque conseguiu o empate. No prolongamento, os vascos superiorizaram-se, arrancando o triunfo.

A Suêslávia, em Belgrado, esteve afinando as botas para o torneio da Taça Jules Rimet. Oposta aos dinamarqueses, de tradições gloriosas, bateu-os pelo elevado total de 5 bolas a 1.

No México, uma selecção espanhola, constituída por elementos que viajam para o Rio de Janeiro, empatou com outra selecção mexicana, organizada nas mesmas condições. O jogador mais regular dos peninsulares foi César.

Em Genebra, o Arsenal derrotou o grupo Servette, por 3-1.

ATLETISMO

Conservando a sua regularidade, os lançadores italianos Taddia e Consolani atiraram o martelo e o disco, num torneio que se efectuou em Montichiari. O primeiro fez 55m,42 e o segundo 53m,30.

O espanhol Coll, disputando em Barcelona uma prova de légua contra o conhecido Rojo, bateu o tempo mínimo nacional, ao efectuar 14 minutos 56,4 segundos.

Zatopek, a locomotiva humana, conforme lhe chamam os seus compatriotas checos, preparam-se activamente para as próximas competições. Correndo em Gottwaldice, uma prova de 5.000 metros, chegou em primeiro lugar, gastando 14 m. 44,2 seg.

O velocista francês Yves Cannes confirmou a sua forma excelente. Apesar da pequena estatura derrotou o gigante Artur Wint numa corrida de 400 metros, que concluiu no tempo excelente de 48,1 segundos, considerado o quarto na lista dosmelhores resultados franceses.

Aprenda Rádio

No nosso curso por correspondência que lhe oferece ferramentas, Laboratório Portátil e Material de Rádio

Peça folhetos grátis à **RÁDIO ESCOLA**

Apartado 81 — Norte
Sede, Laboratórios e Serviços Técnicos:

R. Alves Torgo, 103-2.º E.
LISBOA

Assinem a **STADIUM**



O Estádio «28 de Maio», em Braga, no dia da inauguração oficial. Fotografia aérea, da autoria de M. P. Carneiro

A PORTUGUESA DE SANTOS apresenta-se em Braga e BATE O SPORTING LOCAL POR 5-2



Os grupos brasileiro e português confraternizam



Rubens marca, de modo fulminante, o 2.º golo da «Portuguesa» de Santos



Cesário defende, atacado por Tuta



No meio do campo, os dirigentes da «Portuguesa» de Santos e do Sporting de Braga trocam saudações amigáveis



O sr. Celestino Lobo e M.ª Alice Gouveia abandonam o terreno, após a troca de trofeus e saudações